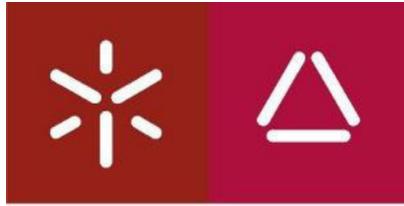




Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

Sandra Cristiana Teixeira da Costa

Diferenças entre as rotinas jornalísticas de um telejornal e de um jornal impresso: o olhar de uma estagiária



Universidade do Minho

Instituto de Ciências Sociais

Sandra Cristiana Teixeira da Costa

**Diferenças entre as rotinas
jornalísticas de um telejornal e de um
jornal impresso: o olhar de uma
estagiária**

Relatório de Estágio

Mestrado em Ciências da Comunicação

Área de especialização em Informação e Jornalismo

Trabalho efetuado sob a orientação da

Professora Maria Zara Pinto Coelho

outubro de 2018

DECLARAÇÃO

Nome: Sandra Cristiana Teixeira da Costa

Endereço eletrónico: sandra_teixeira888@hotmail.com

Telefone: 912866471

Número do Cartão de Cidadão: 14847267

Título do relatório/dissertação: Diferenças entre as rotinas jornalísticas de um telejornal e de um jornal impresso: o olhar de uma estagiária

Orientadora: Professora Maria Zara Pinto Coelho

Ano de conclusão: 2018

Designação do Mestrado: Mestrado em Ciências da Comunicação – especialização em Informação e Jornalismo

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO INTEGRAL DESTA TESE/TRABALHO APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE.

Universidade do Minho, ___/___/_____

Assinatura: _____

Aos meus pais, em especial ao meu pai, por suportar todas as dificuldades ao longo do caminho
até ao desfecho do meu percurso académico.

Ao meu pequeno círculo de grandes amigos que me deram a força deles quando a minha
começava a desvanecer – Mariana Vaz, Andreia Nunes, Filipa Pereira e Luís Ferreira.

A todos os amigos que a estadia de seis meses em Lisboa me trouxe – Ana Luísa Monteiro, Rita
Espassandim, Catarina Santos, Ana Ferreira Leite, Nelma Serpa Pinto e Luísa Correia.

À minha orientadora académica, professora Maria Zara Pinto Coelho, pelas linhas guias, palavras
de incentivo e pela compreensão.

Aos meus orientadores e jornalistas pelas muitas e sábias dicas – Ana Luísa Galvão, Marta Reis,
André Antunes, Paulo Varanda, Ana Geraldes, Nuno Figueiredo e Fernanda de Oliveira Ribeiro.

Sem esquecer os repórteres e editores de imagem.

A todos os que conviveram comigo. Antes, durante e depois desta experiência.

Resumo

Tendo como base o estágio realizado no Jornal de Notícias durante a licenciatura em Ciências da Comunicação e o estágio na Sociedade Independente de Comunicação (SIC) realizado no segundo ano do mestrado em Ciências da Comunicação, este relatório apresenta, de um modo geral, uma reflexão sobre as diferenças no exercício da função jornalística num jornal impresso e num telejornal. Num primeiro momento, faz-se o relato e análise – adotando uma perspetiva autocrítica – de alguns episódios fundamentais dessa experiência. De seguida, foram tratados vários temas – relevantes no quadro da problemática escolhida até chegar ao estudo prático –, desde a comunicação de massas, que impulsionou a evolução dos média, à estrutura de uma redação na imprensa e na televisão, abordando também as fases da atividade jornalística (procura, seleção, reportagem, redação, tratamento final). Numa última análise, focada na perspetiva de um jornalista estagiário, o relatório aborda as ameaças a que estão sujeitos os jornalistas no exercício da sua profissão, a sua capacidade de mutação na divulgação de um assunto e todo o processo construtivo até atingir o produto final – a notícia.

Palavras-chave: Estágio, SIC, televisão, imprensa, notícias.

Abstract

Based on the internship accomplished in Jornal de Notícias during graduation and internships at Sociedade Independente de Comunicação (SIC) realized during master's degree, this report/dissertation generally reflects on the differences in the exercise of the journalistic function at a newspaper and a TV newscast. At first, the report and analysis - taking a self-critical perspective - is made of some fundamental episodes of this experience. Subsequently, several important topics were discussed until the practical study. From the mass communication that drove the evolution of the media, to the structure of a press and television, as well as the phases of journalistic activity (search, selection, reporting, writing, final treatment). In a final analysis, focused on the perspective of a trainee journalist, the research addresses the threats to journalists in the exercise of their profession, their ability to change the subject matter and the entire construction process to reach the final product - the news.

Keywords: Internship, SIC, television, press, news.

Índice

Introdução.....	8
Capítulo I. A empresa acolhedora e o estágio.....	10
1. SIC – Caracterização da empresa.....	10
1.1. SIC – Departamento de informação.....	12
1.2. O dia-a-dia na redação.....	14
1.3. A parte prática: sinopse do estágio.....	15
1.3.1. Agenda de informação.....	16
1.3.2. Madrugadas.....	18
1.3.3. Jornal da Noite.....	19
1.3.4. Primeiro Jornal.....	22
Capítulo II. Enquadramento teórico.....	25
2. A evolução dos meios de comunicação de massa.....	25
2.1. Os avanços e retrocessos da imprensa portuguesa.....	27
2.2. A evolução da “caixa-mágica”	30
2.2.1. Telejornal.....	32
2.3. O que é ou não é notícia?	35
2.4. Rotinas produtivas do jornalismo.....	37
2.4.1. Processo noticioso.....	38
2.5. O impacto do digital no jornalismo.....	39
Capítulo III. Estudo empírico.....	42
3. Descrição do objecto de estudo.....	42

3.1. Observação e Discussão.....	43
3.2. Análise do processo de produção noticiosa.....	45
3.2.1. Procura e seleção.....	46
3.2.2. Execução do serviço.....	46
3.2.3. Redação da notícia.....	48
3.2.4. Tratamento final.....	50
3.3. Jornal e telejornal: análise prática e comparativa.....	52
Conclusão.....	56
Referências Bibliográficas.....	58

Índice de Figuras

Figura 1- Logótipo da SIC.....	10
Figura 2- Redação da SIC.....	12
Figura 3- Secção do Primeiro Jornal da SIC.....	13
Figura 4- Notícia sobre um terramoto na Alemanha.....	21
Figura 5- Notícia sobre o programa Casa Eficiente 2020.....	21
Figura 6- ENPS: Planeamento de serviços da SIC e SIC Notícias.....	22
Figura 7- ENPS: Alinhamento do Jornal da Noite da SIC.....	32
Figura 8- Redação do Jornal de Notícias.....	44
Figura 9- Secção “Porto” do Jornal de Notícias.....	44
Figura 10- Planeamento de serviços do Jornal de Notícias.....	47
Figura 11- Programa Milenium.....	48
Figura 12- Programa Media Vault.....	49
Figura 13- ENPS: Master da SIC e SIC Notícias.....	50
Figura 14- XPRI: Programa de edição da SIC.....	50
Figura 15- Ilha de edição da SIC.....	51
Figura 16- Sala de edição da SIC.....	51
Figura 17- Notícia do Jornal de Notícias redigida pela autora deste relatório.....	55

Índice de Tabelas

Tabela 1- Canais televisivos da SIC.....	12
--	----

Introdução

O presente relatório surge como elemento final de avaliação enquanto estudante do mestrado em Ciências da Comunicação, vertente de Informação e Jornalismo, na Universidade do Minho. O meu interesse pelo jornalismo foi-se aguçando ao longo dos anos e como já tinha experiência em imprensa – ainda que pouca – surgiu-me a vontade de descobrir como era a profissão noutro meio de comunicação. Foi nesse sentido que decidi apostar num estágio durante seis meses na redação do primeiro canal português de televisão privada (SIC).

Tal como a comunicação, o jornalismo também sofreu várias mutações ao longo da sua evolução e, apesar do impacto inegável da tecnologia, continua a ser um meio relevante para o público em geral. Para grande parte das pessoas conectar-se ao mundo ainda significa ler jornais, revistas, assistir a telejornais ou ouvir rádio. O exercício desta profissão é encarado, de acordo com Hanitzsch & Jorgensen (2009, p. 3), como um “fenómeno”, uma vez que as notícias moldam a forma como vemos o mundo, a nós próprios e aos outros; são as histórias dos jornalistas que “constroem e mantêm as nossas realidades compartilhadas”. Esta realidade atribui uma responsabilidade tremenda aos profissionais da comunicação social na hora de divulgar o produto final aos recetores. Segundo Rodrigo Guedes de Carvalho, em *Jogos de Raiva*, “as outras áreas têm barreiras, são específicas, enquanto o jornalismo poderia bem chamar-se “informamos que isto somos nós, em todo o lado, a fazer tudo o que há para fazer.” Dividido por secções, para melhor organização do consumidor, “o jornalismo só tem verdadeiramente uma área, que engole o mundo inteiro: nós” (Carvalho, 2018, p. 142). O autor defende que o jornalismo, na verdade, não é necessário para fazer com que o mundo funcione e progrida, como são as áreas da farmacêutica, da aeronáutica ou da engenharia. Ele acredita antes que o jornalismo funciona como um espelho da realidade, que mostra às pessoas aquilo que se passa nos outros cantos do mundo e lhes “mata” a curiosidade.

A imprensa escrita e a televisão funcionam como fontes que transmitem informação para os recetores. Mas para haver comunicação em ambos os meios de comunicação é necessário o uso da escrita. A escrita é tão importante para um como para outro, os dois meios apenas vinculam informação de forma diferente. Ler um jornal ou ver um telejornal pode trazer uma perspetiva diferente, da mesma forma que trabalhar para um jornal impresso ou para um telejornal pode ser diferente. A imprensa escrita e a televisão vivem lado a lado, são meios de comunicação de massas, comunicam para um grande número de pessoas, mas apresentam funções e metodologias distintas e um impacto distinto na sociedade.

Partimos do pressuposto de que a rotina de cada um tem obstáculos distintos apesar de se tratar da mesma profissão. Ter a percepção de tais diferenças é saber que uma notícia sempre poderia ser outra, que uma palavra poderia ter outra no seu lugar, que a imagem do mundo construída nos noticiários poderia sempre ser outra. Após a passagem pelo Jornal de Notícias e, mais recentemente pela SIC, estou apta para analisar as diferenças vividas no exercício da profissão nas duas vertentes.

Após a passagem pela SIC, estou mais confortável em exercer jornalismo, a escrita e a capacidade crítica foram aprimoradas e, após os seis meses de estágio curricular, sinto que tenho uma maior capacidade para sair em reportagem e entrevistar todo o tipo de pessoas bem como de conseguir construir um bom produto final. Uma das vantagens de estagiar na SIC, principalmente no Primeiro Jornal, é ter diariamente a oportunidade de sair em reportagem com um repórter de imagem, fazer entrevistas e voltar à redação para escrever e editar a peça para o jornal. Todas as nossas capacidades são postas em prática, bem como a maneira como funcionamos face ao *stress* e a necessidade de cumprir prazos que, na maioria dos dias, se traduzem em minutos.

Durante o percurso neste órgão de comunicação, foram vários os tópicos que surgiram para abordar neste relatório de estágio. No entanto, como já tenho na bagagem um outro estágio curricular em imprensa, resolvi comparar as duas rotinas jornalísticas vividas nos dois veículos de comunicação diferentes – imprensa e televisão. O objetivo do estudo aqui apresentado é pensar nos diferentes efeitos de sentido que os jornalistas produzem a partir das condições de produção em que trabalham. De uma forma sintetizada, o relatório agrega três capítulos fundamentais: o primeiro capítulo relata a experiência de estágio curricular na empresa SIC – Sociedade Independente de Comunicação, integrado no mestrado de Ciências da Comunicação. Trata-se de uma parte que reflete a experiência de estágio e em que medida foi determinante para a percepção das lógicas de trabalho e especificidades de uma redação de televisão. No segundo capítulo, impera fundamentalmente o enquadramento teórico onde se abordam vários conceitos como a comunicação de massas (*mass media*), a evolução da televisão e da imprensa, a cobertura mediática, estrutura de uma redação na imprensa e na televisão e as fases da atividade jornalística (procura, seleção, reportagem, redação, tratamento final). Por último, o terceiro capítulo concentra toda a parte empírica. Este estudo empírico tem em conta as diferenças existentes entre redações e formas de redigir nos dois meios de comunicação. Nessa parte é desenvolvida uma reflexão crítica sobre o jornalismo televisivo e o jornalismo impresso, baseado no estágio na SIC e no Jornal de Notícias, sem descurar do tema núcleo do estágio, a saber, “diferenças entre as rotinas jornalísticas de um jornal impresso e de um telejornal”.

Capítulo I. A empresa acolhedora e o estágio

1. SIC – Caracterização da empresa

Sociedade Independente de Comunicação ou “SIC”, como é mais conhecida, pertence ao grupo IMPRESA – SGPS fundado a 6 de outubro de 1992 e presidido por Francisco Pinto Balsemão que, atualmente, detém 100% do capital da empresa. “Do que fiz na vida, colocaria como fio condutor e como objetivo cimeiro, exercido e conseguido de diversas maneiras, consoante as épocas e responsabilidades, a luta pela liberdade de expressão em geral e, em especial, pelo direito a informar e ser informado”, disse Francisco Pinto Balsemão. A primeira emissão do canal foi para o ar com a apresentação a concurso público através da Lei da Televisão n.º 58/904, do regime de licenciamento ao exercício da televisão. Quanto à identidade visual, o logótipo (fig. 1) foi criado inicialmente por Hans Donner (da TV Globo) e foi acompanhando a evolução do canal, progredindo também até ao seu formato atual com o intuito de transmitir dinamismo e criatividade.



Figura 1. Atual logótipo da Sociedade Independente de Comunicação (SIC).

A nova estação televisiva, que ocupou o canal 3, veio não só trazer uma nova forma de fazer televisão, como também alargar as hipóteses de escolha dos telespectadores, mostrando, simultaneamente, um tipo de “negócio” que até então não existia: o negócio das audiências e do investimento publicitário (Leitão, 2013, pp. 26-27). O canal apareceu 35 anos depois do monopólio da informação televisiva se concentrar apenas na televisão estatal, através da RTP¹. Até então existia um desejo de informação relativamente a muitos assuntos e o espaço público precisava de mais locais de debate, de maior

¹ Informações retiradas do site oficial da SIC: <http://www.impresa.pt/marcas/sic/2014-07-23-SIC>

pluralidade e de mais opiniões. A estação aumentou o seu tempo de emissão numa aposta de programas de entretenimento em especial na transmissão de filmes e séries norte-americanas e telenovelas brasileiras. As telenovelas importadas do Brasil asseguraram o sucesso inicial da SIC. Em 1993, com o programa “Chuva de Estrelas”, o canal conseguiu atingir o topo dos programas mais vistos em Portugal. Apenas três anos depois da sua criação (1992), em maio de 1995, a SIC alcançou a liderança nas audiências através de uma forte aposta em programas de informação, entretenimento, documentários e programas de ficção, falados em português.

Desde a sua fundação que a SIC não se destacou apenas no conteúdo dos programas, mas na forma de fazer televisão. “O estúdio móvel foi utilizado, pela primeira vez na história da televisão portuguesa, em 1997. O principal rosto da informação da SIC, José Alberto Carvalho, apresentou o noticiário do Oceanário, na inauguração da Expo 98” (Santos, 2010, p. 94). “Em termos de audiência, a progressão da SIC foi notável. A estação atingia a liderança do mercado em escassos três anos após o seu arranque, com 41,4% de share” (Santos, 2010, p. 92). O segredo estava, segundo Lopes (citado em Santos, 2010, p. 90) na programação: “grelha diversificada em informação, reportagem, documentário, infantis, juvenis, séries, comédias, cinema e entretenimento popular do canal privado”. Rapidamente a SIC tornou-se “na estação da classe média, dos quadros, de uma certa elite intelectual e, pode dizer-se, do poder democrático”, o que resultou numa grande aposta publicitária das grandes marcas, fonte de receitas do canal (Gomes, 2012, p. 84). Inicialmente, a guerra pelas audiências era feita contra o 1º canal público português, a RTP1, seu principal rival. No entanto, a supremacia da SIC viu-se ameaçada pelo outro canal privado nascido em 1993, a TVI – Televisão Independente.

Com a entrada num novo milénio e a passagem do analógico para o digital, a SIC continuava em destaque no panorama televisivo português. Em 2001 nasceu a SIC *Online*, mais dirigida a conteúdos de entretenimento e a SIC Notícias, o primeiro canal focado exclusivamente em informação durante 24 horas. Todos os canais do grupo Impresa são transmitidos em HD desde o ano de 2016. Em 2017, celebrou o seu 25.º aniversário com diversas iniciativas, incluindo a “Digressão SIC de Todos Nós” que percorreu as 18 capitais de distrito de Portugal Continental durante os meses de junho, julho, agosto, setembro e outubro. Importa referir que a SIC pertence ao grupo Impresa, nascido em 1991, pelas mãos do seu primeiro e único diretor, Francisco Pinto Balsemão. Atualmente, o grupo possui um portfólio de marcas dentro da área da televisão, a saber:

Tabela 1. Canais televisivos da SIC, 2018

Canais	Ano de criação
SIC Internacional	1997
SIC Notícias	2001
SIC Radical	2001
SIC Mulher	2003
SIC K	2009
SIC Caras	2013
SIC Internacional África	2017 ²

No território das publicações a Impresa compreende apenas o semanário Expresso, jornal esse que desde o início de 2018 é o mais vendido³ em Portugal. Anteriormente, o grupo tinha várias revistas e publicações, como a Visão, a Caras, a Ativa, a TVMais, entre outras, que foram vendidas em 2018.

1.1 SIC – Departamento de informação

A SIC, sediada na Estrada da Outurela, em Carnaxide, conta com jornalistas da SIC e da SIC Notícias, repórteres e editores de imagem, produtores, realizadores e toda uma equipa envolvente.

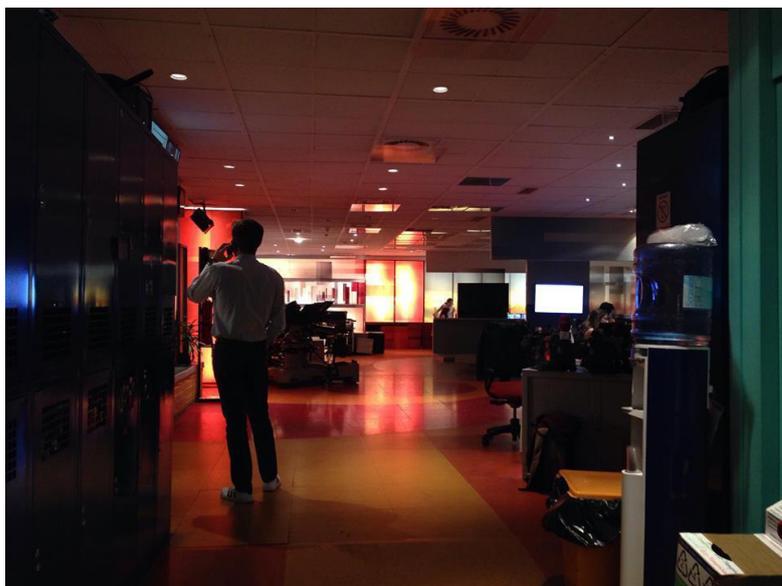


Figura 2. Entrada da redação da SIC.

² Informação retirada de: <http://binaries.cdn.impresa.pt/dealer/2097387/Historical+SIC+20143159739297477624869.pdf>

³ Notícia divulgada pelo Expresso: <https://expresso.sapo.pt/sociedade/2018-08-30-Expresso-e-o-jornal-mais-vendido-em-Portugal-este-ano#gs.pJnlFm8>, consultado a 3 de setembro de 2018.



Figura 3. Zona da secção "Primeiro Jornal" da SIC.

Nas instalações de Carnaxide (figs. 2 e 3) existem também departamentos de grafismo, legendagem, arquivo, régies, marketing e publicidade, bem como departamentos mais pequenos, como o controlo de gestão ou os recursos humanos. A SIC tem dois polos: o de informação e o de entretenimento, de frente um para o outro. A informação foi, desde os primórdios da Impresa, uma das grandes apostas. A SIC denomina-se de independente, rigorosa, irreverente e com qualidade. A redação está dividida em várias editorias: Sociedade, Política, Economia, Internacional, Cultura e Desporto. Há também a editoria de Online, com uma equipa de jornalistas que trabalha exclusivamente para este meio. No entanto, a maioria das peças que são colocadas no *'site'* não são produzidas exclusivamente para o mesmo, tratando-se de réplicas de peças produzidas para televisão, mais especificamente para o Primeiro Jornal e para o Jornal da Noite. Além das editorias, existem na redação outras secções como a Agenda, onde se reúne a informação que chega diariamente à redação e se marca os eventos para os jornalistas. A Newsdesk tem uma equipa destinada à produção das emissões, com tarefas que passam pela interação com agências de notícias, com outros canais, contacto com os carros de exterior e coordenação de diretos. Inclui ainda jornalistas que trabalham para a SIC Notícias – as equipas da Edição da Manhã, do Meio-Dia, da Tarde e da Noite. Essas equipas têm rotinas de produção próprias, mas funcionam em sintonia com o resto da redação.

A secção da informação da SIC está dividida em duas redações, Lisboa e Porto, e conta ainda com equipas de jornalistas e repórteres de imagem em vários distritos como Bragança, Vila Real, Aveiro, Viseu, Coimbra, Madeira e delegações dispersas por todo o mundo, como são os casos da Europa (no Parlamento Europeu, por exemplo) e do Brasil (através da correspondente Ivani Flora).

No momento da redação deste relatório de estágio faziam parte da Direção de Informação, da SIC, Ricardo Costa e José Gomes Ferreira que contam com o apoio dos subdiretores Pedro Cruz e Bernardo Ferrão.

1.2 O dia-a-dia na redação

Televisão e rotina são dois conceitos que não combinam totalmente. O mundo da televisão tende a ser imprevisível diariamente. Os factos podem surgir a qualquer momento, em qualquer lugar, mas por mais paradoxal que pareça, existem rotinas diárias e a estação de Carnaxide não é exceção.

Por volta das 4h da manhã chega a primeira equipa de jornalistas, que produz conteúdos informativos para os primeiros telejornais do dia – que integram a Edição da Manhã da SIC Notícias – e que vão para o ar entre as 6h e as 10h. A segunda equipa a chegar é a que prepara a Edição do Meio-Dia também da SIC Notícias. Os jornalistas começam a partir das 8h a avaliar as notícias que merecem passar de novo e colocam-nas no alinhamento dos jornais, juntamente com as novas notícias que vão construindo. Esta edição conta com o Jornal das 10, Jornal do Meio-Dia e ainda o Jornal das 2. Pelas 8h30 chegam os primeiros jornalistas que dedicam maioritariamente o seu tempo à SIC generalista. A equipa do Primeiro Jornal começa desde logo a sair em reportagem ou a recolher informação para começar a realizar as peças que devem ir para o ar às 13h. A primeira reunião da direção de informação do dia dá-se a meio da manhã, às 11h, com os coordenadores de cada edição para saber o que está a ser divulgado até e o que ainda falta e deve ser abordado. Planos delineados, resta só transmiti-los aos jornalistas porque o tempo é sempre escasso. Como a televisão é imprevisível, todos os planos podem sofrer alterações caso aconteça um imprevisto.

A equipa da Edição da Tarde da SIC Notícias e a equipa do Jornal da Noite começam a chegar à redação por volta das 12h/13h. Cabe-lhes ver o que está a acontecer e os trabalhos que têm marcados durante a tarde. O Jornal da Noite começa todos os dias às 20h. A segunda reunião da direção de informação acontece pelas 16h. Aqui, todos os coordenadores e editores de secções voltam a reunir-se para falar sobre o dia seguinte. Propostas de serviços, previsão de notícias e distribuição das tarefas por jornalistas. A equipa da Edição da Noite da SIC Notícias inicia o trabalho às 17 horas para estar no ar após o Jornal da Noite. Até ao fim do dia, ainda podemos assistir aos noticiários emitidos das 21h à 1h da manhã.

Esta equipa termina o seu turno pelas 2h e, a partir daí, a redação fica por conta de um repórter de imagem e um estagiário que asseguram o trabalho, caso exista, até às 6h.

1.3 A parte prática: sinopse do estágio

Licenciada em 2016 em Ciências da Comunicação e, depois do primeiro ano no mestrado na especialização em Informação e Jornalismo, chega o momento de decidir e concorrer a um estágio curricular para que tenhamos uma amostra do mundo profissional na área em que estamos prestes a ficar formados.

Em todo o meu percurso académico fui inclinada para o jornalismo impresso. A televisão não me fascinava porque queria estar fora dos “holofotes”, sentia que em imprensa os jornalistas estão mais resguardados dos olhos do mundo. Escrever sempre foi o meu maior interesse e, pelo *feedback* que me davam, era razoavelmente boa. Mas a vida trocou-me as voltas e, mesmo sem ter concorrido para a SIC, recebi uma chamada para comparecer a uma entrevista acerca de um estágio curricular. Após a entrevista em Lisboa, foi-me dito que teria que esperar durante uma semana até ter a resposta final. Depois de uns dias soube que fiquei integrada na empresa, no departamento de informação, e que iria começar o estágio em dezembro e terminar em junho. Deu-se aí o início da aventura, numa nova atmosfera, onde trabalhei e cresci profissionalmente durante seis meses.

Uma vez que este não foi o meu primeiro estágio (estagiei no Jornal de Notícias em 2016, como referi antes), a entrada numa redação não foi novidade. Entendia minimamente as rotinas jornalísticas, reconhecia a pressão do dia-a-dia e o *stress* vivido até conseguir um bom produto final. Todavia, os meios de comunicação eram diferentes logo não deixou de ser novo para mim entrar numa redação de uma estação televisiva. Imprensa e televisão são meios igualmente exigentes, mas o método de trabalho acaba por ser distinto. Na televisão impera a relação entre o texto e a imagem. Enquanto na imprensa a fotografia ilustra a notícia, na televisão a imagem acompanha todo o decorrer da estória. Trata-se de um processo que exige que a escrita, o som e a imagem trabalhem em sintonia. Muitas vezes as imagens que temos limitam aquilo que é escrito e, nessas situações, é preciso ser capaz de contornar os obstáculos. Daí que o trabalho de equipa no terreno, entre o jornalista e o repórter de imagem, seja tão importante.

A redação da SIC recebe anualmente vários estagiários vindos de diversas universidades do país. Regra geral, o percurso dos estagiários segue o mesmo padrão: os dois primeiros meses passam-se na Agenda de Informação, na SIC *Online* ou no programa Opinião Pública; os seguintes dois meses numa editoria à escolha do estagiário, conforme a disponibilidade, e os últimos dois meses também conforme a escolha do estudante. O meu itinerário começou primeiramente na Agenda de Informação, lugar que apesar de não o ter escolhido, sinto que foi o melhor sítio para começar. De seguida, devido à lotação de estagiários no Primeiro Jornal, decidi trabalhar no Jornal da Noite para me ambientar a todo aquele estilo frenético. Posteriormente, nos últimos dois meses, consegui ir para Primeiro Jornal, editoria onde o cansaço esteve ao mesmo nível da felicidade.

1.3.1. Agenda de informação

No dia 4 de dezembro de 2017 iniciei a primeira fase no estágio, sentada com dois ecrãs de computador à frente, para potenciar o rendimento do muito trabalho face ao pouco tempo. A Agenda de Informação ou o “coração” da redação, como os jornalistas a intitulam, foi a primeira etapa a superar durante dois meses e meio. O horário desta secção começa pelas 08h00 e termina pelas 20h00, funcionando apenas nos dias úteis, ao contrário da restante redação. Ao contrário do que acontece nas restantes editorias e secções da redação, na Agenda o foco não é a atualidade, mas sim o agendamento de eventos futuros. Quer-se saber onde vai estar o Presidente da República (PR) e primeiro-ministro (PM) no dia seguinte, a que horas é a manifestação dos trabalhadores de certa empresa e confirmar se vai acontecer a conferência marcada na semana passada. Todos os acontecimentos têm de ter as informações corretas para que não saiam equipas de jornalistas e repórteres de imagem em vão.

A equipa da Agenda, quando do meu estágio, era composta pela coordenadora, Ana Luísa Galvão, e pelas jornalistas Isabel Santana, Conceição Andrade e Sofia Pavão. Por norma, esta “secção” funciona sempre com o auxílio de dois estagiários que, no fim de dois meses, têm de transmitir os conhecimentos adquiridos aos novos estagiários para que ocupem esses lugares com um bom desempenho. Foi aqui que tive o primeiro contacto com o ENPS⁴, uma ferramenta digital usada pelo canal onde são publicadas e editadas as peças jornalísticas e onde são colocados todos os eventos agendados.

⁴ Electronic News Production System.

A informação pode chegar à Agenda sobre várias formas: emails, cartas, telefonemas, jornais ou Agência Lusa. Todos os dias, por volta das 15h00, é recebido o calendário da agência noticiosa para o dia seguinte, de forma a confirmar, alterar ou acrescentar eventos. Este processo repete-se três vezes às sextas-feiras, onde é recebida a agenda para o fim-de-semana e próxima segunda-feira. No final do mês, a SIC recebe também uma agenda mensal e, no final do ano, uma agenda anual (que também revii pois estagiei em dezembro). É a equipa fixa que faz a triagem dos acontecimentos a agendar e os estagiários preenchem as fichas, separadas por categorias (Efemérides, Greves e Manifestações Sociedade, Política, Economia, Cultura, Desporto, Internacional e Porto), para cada acontecimento no ENPS. Os estagiários podem também confirmar eventos, quando falta alguma informação que não está presente nos emails recebidos, por norma, via telefone. Quanto às confirmações que dizem respeito a figuras do governo, ao PR e julgamentos são as jornalistas da equipa que as fazem. Para além dos emails e da Agência Lusa, a recolha de informação passa também pela leitura diária dos jornais (Público, Jornal de Notícias, Correio da Manhã, Negócios, Jornal i e o Expresso). Por norma, as jornalistas leem e selecionam aquilo que deve ser agendado, informação essa que passa depois para os estagiários que criam a ficha e a colocam na respetiva categoria.

Outra das funções mais importantes dos estagiários na Agenda é o atendimento de telefonemas dos telespetadores. Muitas vezes, as pessoas ligam para dar conhecimento de um evento que irá decorrer, para mostrar o seu desagrado acerca de alguma notícia ou até informar sobre algum incidente que tenha ocorrido. Outras vezes, e mais frequentemente, as pessoas telefonam para expor os seus problemas, com a esperança de que a SIC lhes dê voz. Na minha experiência, as chamadas eram maioritariamente desabafos, raramente se traduziam em informação útil para uma notícia. De qualquer forma, é importante ouvir as pessoas, respeitando-as e respeitando aquilo que têm para nos dizer. Tentamos, no fundo, averiguar o máximo de pormenores acerca da história que nos é apresentada. Quando o assunto não tem relevo jornalístico, encaminhamos a chamada para a parte de entretenimento, onde as estórias podem ser exploradas nos programas (Queridas Manhãs ou Linha Aberta com Hernâni Carvalho, por exemplo).

O início do meu estágio deu-se na época de Natal. Estar na Agenda nessa altura deu para perceber que, em épocas festivas, existe uma grande quebra no número de acontecimentos e de informação. Não há reuniões parlamentares nem conselhos de ministros, os tribunais estão fechados e não há futebol. Durante esta minha fase de estágio existiram também muitos cancelamentos de eventos devido à operação inesperada do Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa. Vive-se um momento

jornalístico diferente no sentido em que os jornais dão atenção a temas que durante o ano são descartados. Terminado o meu período na Agenda, continuei o meu percurso no Jornal da Noite. A ideia inicial era integrar a equipa do Primeiro Jornal mas, como é das equipas mais requisitadas, tive que atrasar essa opção.

1.3.2. Madrugadas

Durante o estágio de seis meses na SIC, todos os estagiários têm de realizar, pelo menos, duas semanas não consecutivas de madrugadas. Ou seja, trabalhar sete dias durante a noite, da meia-noite às 6 da manhã. O objetivo e a necessidade deste trabalho é, basicamente assegurar que, no caso de haver algum acontecimento de última hora, a SIC está presente.

Ao longo das madrugadas a rotina muda completamente. Nesta fase o horário passa a ser noturno, da meia-noite às 6 horas da manhã. Até à 1 hora da manhã a redação ainda está a funcionar, com jornalistas da Edição da Noite a terminar o Jornal da Meia-Noite (o último noticiário do dia). Depois do fecho desse noticiário, apenas fica o estagiário e um repórter de imagem.

As tarefas passam por ouvir o noticiário da TSF de hora a hora e a partir dele criar um documento com as informações relevantes para transmitir ao coordenador da manhã que chega à redação por voltas das 4 horas da manhã. O estagiário deve também estar ocorrente dos *feeds* das agências nacionais e internacionais e ainda ligar durante a madrugada à proteção civil, Bombeiros e Guarda Nacional Republicana (GNR) para saber se existem ocorrências a registrar. Caso seja um acontecimento verdadeiramente importante, como a morte de um primeiro-ministro ou um atentado terrorista em Portugal, é necessário avisar a Continuidade⁵, para passar essa informação em rodapé, e ligar para um dos diretores.

As duas semanas de madrugadas não se traduzem numa aprendizagem tão rica como a obtida durante o dia. A redação está vazia e não há ninguém que nos possa instruir sobre qualquer assunto. Ficamos apenas com um trabalho de “vigilância” de tudo o que possa acontecer com valor-notícia. No entanto, apesar do pouco volume de trabalho e de acontecimentos, considero que saí bastantes vezes em

⁵ Departamento que estabelece a consistência e coerência de todos os elementos da televisão (imagens, sons, cortes, sequências, etc) ininterruptamente.

reportagem, tendo em conta que se trata de um horário mais calmo, e também escrevi *off's*⁶ que integraram o alinhamento da Edição da Manhã. Entre muitos *off's* escritos posso destacar um que acabou por ser a abertura do jornal da Edição da Manhã nesse dia – a morte de Stephen Hawkins. As saídas realizadas foram sobretudo para verificar se existiam estragos resultantes das más condições climatéricas do momento, uma tentativa de desencalhamento de um navio espanhol “preso” no rio Tejo há vários dias e para acompanhar os festejos dos adeptos do Futebol Clube Porto quando conquistou o 28.º título de campeão nacional.

1.3.3. Jornal da Noite

A fase seguinte do meu estágio aconteceu na editoria do Jornal da Noite (JN) da redação da SIC, com início a 12 de fevereiro e término a 30 de março. Desde que soube que iria integrar a equipa do JN, o feedback dos jornalistas foi unânime: é o jornal “mais sério” do canal, ao qual é atribuído mais atenção e importância. Foi aí que a pressão se instalou.

O Jornal da Noite vai para o ar todos os dias às 20 horas, exceto casos em que a programação é obrigada a ser alterada (quando são emitidos jogos de futebol nesse horário, por exemplo). O JN tem a duração média de uma hora e meia e é dividido em dois blocos separados por um intervalo que varia de 10 a 15 minutos. Os jornalistas que apresentam este jornal são o Rodrigo Guedes de Carvalho ou a Clara de Sousa. Os apresentadores começam sentados por trás da bancada e intercalam a apresentação das notícias algumas vezes sentados e outras de pé, com recurso ao grande quadro digital presente no estúdio. Durante o meu estágio, que aqui funcionava das 12h às 20h, os jornalistas Hélder Felizardo e Marta Reis eram os coordenadores, alternando essa função de 15 em 15 dias.

As notícias são o resultado de vários processos de interação social entre jornalistas, entre os jornalistas e a sociedade, e ainda entre os jornalistas e as suas fontes de informação (Traquina, 2001, p. 62-63). No Jornal da Noite, o alinhamento conta, muitas vezes, com as notícias marcantes do dia e que possivelmente já foram divulgadas em jornais prévios. No entanto, os jornalistas devem sempre alterar o texto e as imagens, dando quase uma faceta nova ao assunto, sem descurar os factos. Para além da sucessão de peças noticiosas, neste noticiário da SIC estão integradas também entrevistas, rúbricas ou

⁶ *Off* ou texto narrado por um jornalista significa locução coberta por imagens.

comentários de personalidades habitualmente convidadas, como são os casos de Luís Marques Mendes e Miguel Sousa Tavares.

O Jornal da Noite serviu de primeiro contacto com a redação “a sério”. Até então, nunca me foi pedido para redigir uma notícia ou mesmo conhecer todos os programas que a permitem realizar. Na Agenda é utilizado o mesmo programa, o *ENPS*, mas o trabalho é totalmente diferente. Na primeira semana, o coordenador daquela secção, Hélder Felizardo, aconselhou-me a ambientar-me com os programas de redação da notícia (*ENPS*), bem como com o de edição (*XPRI/NS*). Mesmo existindo profissionais da edição de imagem na redação, convém o jornalista saber os mínimos no caso de precisar de editar a própria peça, ou mesmo para montar um bloco de imagens para acompanhar um *off*. Nos primeiros três dias, anotei tudo o que era necessário saber para que, quando chegasse a hora H, nada faltasse.

No dia 15 de fevereiro acompanhei pela primeira vez uma jornalista, a Ana Geraldine da secção de política, para experienciar o processo no exterior. Como me preparar, que perguntas são essenciais, o que fazer quando chegar ao local, como é a interação com o repórter de imagem, entre outros detalhes televisivos que eram novos para mim. O serviço era uma conferência com Carlos Moedas, Comissário Europeu para a Investigação, Inovação e Ciência, mas rápido percebi que nem sempre o tema do serviço é o que irá originar notícia. Muitas vezes é quem lá está que importa. A relação entre jornalistas e fontes é vista por Gans (1980) como uma luta constante, com as fontes a fazer de tudo para divulgar a sua informação e os jornalistas a procurarem aceder às fontes para conseguir informação que as fontes, por vezes, não querem dar. A jornalista neste serviço confidenciou-me que, como nesta conferência estavam presentes imensas personalidades que eram/são ligadas ao Partido Social Democrata, seria uma boa oportunidade para recolher uma espécie de “antevisão” sobre o 37º Congresso Nacional do Partido Social Democrata, que se realizava no fim-de-semana seguinte. Este congresso ganhou um peso maior porque era o primeiro grande evento do partido após a eleição do presidente Rui Rio. As fontes são, portanto, um dos fatores que determinam a qualidade do jornalismo (Wolf, 1985) e a forma como os jornalistas lidam com elas pode determinar, inclusive o feedback. Como afirma Lage (2000, p. 87), a intenção que a fonte atribui ao repórter condiciona as suas reações, o seu discurso e o nível e tipo de informação que lhe vai fornecer. Com toda a informação retida do serviço, na redação decidi escrever a peça como se tivesse sido o meu primeiro serviço sozinha. Quando terminei, mostrei à jornalista que acompanhei para que

⁷ NS-N2100 Nonlinear Editing Software.

me fosse dado algum feedback. A partir daí, fui aprendendo a redigir uma peça segundo as dicas que me eram dadas.



Figura 4. Notícia sobre o tornado na Alemanha, redigida pela autora do relatório.



Figura 5. Notícia sobre o programa Casa Eficiente 2020.

Após os primeiros passos em televisão, comecei a sair em reportagem sozinha, por vezes mais que um por dia. Outros dias realizava peças apenas a partir da redação. Neste “iô-iô” de emoções, onde havia dias em que corria contra o relógio e outros onde o registo era mais calmo, tornei-me mais rápida a fazer o que me pediam e cada vez mais descontraída ao sair em reportagem. A experiência, ainda que pouca,

ensinou-me um pouco sobre tudo. Um dia escrevia sobre um tornado na Alemanha⁸ (fig. 4), como noutra escrevia sobre o programa Casa Eficiente 2020⁹ (fig. 5).

1.3.4. Primeiro Jornal

A fase final do meu estágio deu-se na editoria do Primeiro Jornal (PJ) da redação da SIC, com início a 2 de abril e término no dia 1 de junho. Finalmente chegou a etapa que sempre quis, onde sempre ouvi boas opiniões e onde sabia que existia muito trabalho a ser feito.

Este segmento noticioso vai para o ar no canal da SIC generalista todos os dias às 13 horas. Aquando do meu estágio, com o horário das 8h às 16h, o pivô mais frequente era o jornalista Bento Rodrigues e, por vezes, Fernanda de Oliveira Ribeiro. O coordenador era André Antunes, que foi também o meu orientador durante os 2 últimos meses de estágio. É ele que define que reportagens vão recheiar o alinhamento do PJ e quem as realiza.

Placeholder	Hora da Edição	Hora do Evento	Local	Jornalista	Reporter	SIC	Produção	Observações	Marc. por
Coord. RI - Pinto - Avião									
PI&M: Min. Agricultura+MNE-Fm visita Angola			Luanda	Bernardo F/ Rafael Horner		SB	LIVE U Angola		BF
Piquete também	06:00		SIC		RI Freelancer		Roger		
Reunião Ministros Estados Membros UE+Brexit	06:00		Brexitas	Susana Fri/ Bruno Andrad		SB	h/n		JGF
Escola com problemas 1	09:00		Castro Daire	Frederico C/ Frederico Pint		SB	Direto 3012 + Peça PJ		AA
Escola com problemas 2	09:00		Évora	Luis Godim/ Jose Ribeiro			3011 + Peça PJ		AA
Escola com problemas 3	09:00		Combra	Nelson Mat/ Carlos Lagoa			308 + Peça PJ		AA
Escola com problemas 4	09:00		Faro	João Tiago/ João Tiago			307 + Peça PJ		AA
Escola com problemas 5	09:00		Bragança	João Faneis/ João Faneis			3017 + peça PJ		AA
Escola com problemas 6	09:00		Aveiro	Paulo Rava/ Paulo Rava			309 + peça PJ		AA
Manifesto contra diminuição turma + 100 pais	09:00		Tortosendo, Covilhã	Hugo Alcan/ Hugo Alcantar		SB	DIR 3013 + peça PJ		AA
Trico julgamento Estrelado	09:00		Trib. Ouada	Márcia P/ Márcia P		SB	DIR 3015		JGF
Vencedores Emrys	09:00		SIC	Rita Neves/ Sem Jornalist			edição		GCP
Min Mar+Vista Catamaran Hidroglorio	09:00		Rocha Corde D/ Odiros Alcântara	Diana Teive/ Diogo Sentier					AA
Min Tabaco+Forum OCDE #	09:30		Afândega do Porto	Susana Bai/ João P/ Tiago					JGF/CFC
Entrevista cobrança bombeiros	09:30		Seixal	Catrina M/ RI Freelancer			ANULADO		AA
Entrevista através reformas	10:00		Seixal	Diana Teive/ Diogo Sentier					AA
Berlín - Treino (15 min)	10:00			Rui M/ Quim/ Vitor Castas			LIVE U3 (reporter no local)		EMA
AR - Com. rendas exceções+José Penecos	10:00		LX, AR, sala 6	Ária Gerardo/ Sem Resgad		SB	FULLING		CSU/JGF
Reunião parlamentar - peça antecipaço (entrevista)	10:00		AR, páb. Fernando Negrão	Hugo Mada/ Filipa Ferreira			RI SIC - Pedro M de Freitas		ANIC
Mário Nogueira + Flávia Excia	10:00		Fieip	André Falm/ Pedro Carlos		SB	DIR LIVE U1		AA
Cristina+Aluis Contintores	10:00		Lisboa	Inês de O M/ Fernando Silv		SB	DIR LIVE U2		AA
Treino CD Aves (aberto 20 min)	10:00		Estádio do Passal/ Ribeiro	Miguel Torri/ Rui Florido			Fazer imagens para arquivar		CFC
Entrevista FESAP	11:00		SIC	Fernanda D/ Vitor Castas					AA
Min Saúde+Basit. Médicos Dentistas+Saúde Oral	10:30		COB, LX	Miriam Aive/ Rogério Estiv					AA
Resultados Avaliação Empresas+OE19	10:30		Lisboa	Leonardo M/ Jorge Oliveira			Leo vai ler ao local		JGF
Convocação OP - Fátima Lima	11:00		SIC MATOSINHOS	Joaquim Som					CFC
Entrevista Polícia Urgências Médio Tejo	11:00		Residência PM	Rita Rogado/ Nuno Frios					AA
Preview Expo 1968	11:00		Museu Berardo	Iryna Shev/ Edgar Ascenc					GCP
AR: Conf. Lideres Funcionamento AR. votação, etc	11:30		AR, Sala D. Nana	Hugo Mada/ Filipa Ferreira					ANIC
Entrevista Inquirto Político	11:30		Av 24 julho	Catrina M/ RI Freelancer					AA
Reunião com a imprensa+entrevista João Chaves	13:00		AR, páb. João	Hugo Mada/ Filipa Ferreira					ANIC

Figura 6. ENPS: Planeamento dos serviços do dia da SIC e SIC Notícias.

Esse planeamento (fig. 6) é feito com base nas propostas que chegam diariamente à Agenda da SIC e fica definido nas reuniões com os outros coordenadores e diretores no dia anterior. Pelo meu

⁸ Notícia redigida pela autora deste relatório, disponível em: <https://sicnoticias.sapo.pt/mundo/2018-05-18-Tornado-na-Alemanha-faz-2-feridos-e-danifica-50-casas>

⁹ Notícia redigida pela autora deste relatório, disponível em: <https://sicnoticias.sapo.pt/economia/2018-04-13-Casa-Eficiente-2020-vai-ajudar-a-tornar-as-casas-e-empresas-portuguesas-mais-eficientes>

conhecimento, essas reuniões acontecem de manhã por volta das 11 horas de uma forma breve e às 15 horas de uma forma mais completa. Escolhidos os acontecimentos e temáticas, cada coordenador atribui essa saída a um jornalista, através do programa ENPS a que toda a redação tem acesso. Neste caso, os serviços são praticamente todos marcados para as manhãs, visto que os conteúdos têm de estar prontos a tempo de passarem no Primeiro Jornal. Para além da Agenda, o coordenador faz uma breve análise diária dos jornais e conta também com propostas de notícia dos próprios jornalistas, de maneira a ter conteúdos diversificados no seu jornal. No entanto, quando acontece algo com valor-notícia durante a madrugada ou durante a manhã, a grelha informativa pode ser alterada.

Na primeira semana de Primeiro Jornal, e como já tinha passado pelo Jornal da Noite, não acompanhei mais jornalistas nem necessitei de conhecer os programas. Esse processo já tinha sido feito e então o coordenador deu-me trabalho de imediato. No primeiro dia fiquei pela redação para ele conhecer o meu registo; depois disso, quase todos os dias eram dias de reportagem. Se não saía em reportagem, fazia uma peça na redação, com imagens de arquivo, *offs* ou *talking heads*, mais conhecidos por TH's, que são declarações individualizadas de personalidades que, não raras vezes, ajudam a complementar esses *offs*, ou surgem como reação a um assunto já noticiado.

Além de fazer peças noticiosas, no Primeiro Jornal acabei por participar na realização das peças de outros jornalistas. Foram muitas as vezes em que me foi pedido, sem estar a par do assunto, para ir ao local fazer entrevistas enquanto o jornalista adiantava o trabalho na redação – este é um pequeno exemplo de como o tempo nesta secção em específico é fugaz. Estas situações foram as mais stressantes, tanto pelo medo ao sair para o desconhecido como pela não preparação que, quando eram as minhas peças, já a teria feito.

Em dois meses no Primeiro Jornal, fiz cerca de 38 peças, *offs* e *th's*. Escrevi sobre qualquer tipo de assunto: meteorologia (uma clássica peça para um estagiário), greves, operações da GNR¹⁰, estudos da DECO¹¹, casamento do príncipe Harry e Meghan, eleições em Roma, aumento do combustível, poluição ou assuntos relacionados com o governo. Em reportagem tive a oportunidade de entrevistar o Ministro do Ambiente, João Pedro Matos Fernandes, a Ministra do Mar, Ana Paula Vitorino, o Bastonário da Ordem dos Médicos, Miguel Guimarães e o judoca medalhado nos jogos olímpicos, Nuno Delgado.

¹⁰ Guarda Nacional Republicana.

¹¹ Associação Portuguesa para a Defesa do Consumidor.

Não há uma secção tão cansativa quanto enriquecedora para um jornalista estagiário como o Primeiro Jornal. Desde os diferentes temas diários à equipa de jornalistas, esta secção é um dos sítios mais confortáveis e desafiantes na redacção informativa do canal.

Capítulo II. Enquadramento teórico

Tendo em perspetiva o objeto de estudo, foram selecionadas algumas dissertações, artigos e livros onde os autores refletem não só sobre o início da comunicação, mas também sobre questões básicas e sempre pertinentes do jornalismo, como os critérios de noticiabilidade e a ética e deontologia associadas à profissão. Este capítulo remete ao século XVII, num período em que não existiam meios de comunicação de massas, nem liberdade de imprensa, e termina na terceira década do século XX, quando começam a emergir os termos “mass media”, comunicação e cultura de massas.

2. A evolução dos meios de comunicação de massa

A sobrevivência dos seres vivos depende intimamente das trocas que estabelecem com o meio ambiente e com os outros seres. A evolução dos meios de comunicação, ao longo dos tempos, contribuiu para o alargamento das relações entre as comunidades e sociedades humanas de todo o mundo. Como meios de comunicação podemos destacar os jornais, televisão, rádio, livros, revistas e a mais revolucionária, internet. A Humanidade tem presenciado um avanço notório dos média, das primeiras formas mediáticas como as pinturas rupestres às formas digitais mais modernas que proporcionaram uma velocidade e eficiência da transmissão que até então não havia (Schement & Curtis, 1995). Em Teorias da Comunicação de Massa, Melvin L. DeFleur e Sandra Ball-Rokeach dividem a evolução da comunicação humana em etapas: Era dos símbolos e sinais, Era da fala e da linguagem, Era da escrita, Era da impressão, Era da comunicação de massa. Através de factos da história da humanidade, os autores constataam a intensa ligação entre a evolução do homem e a sua capacidade de comunicar.

Na Pré-História, os seres humanos utilizavam as paredes das cavernas e as superfícies rochosas como forma de comunicação. “Os desenhos gravados em pedra espalhados por quase todas as partes do mundo, sob a forma de cruces, rodas, sinais antropomórficos(...), geométricos, no entanto, o seu carácter ritual impede-os de aceder à independência da escrita” (Fabre, 1966, p. 23). Perante este panorama, a arte rupestre foi o meio de comunicação que permitiu ao ser humano trocar mensagens, passar ideias e transmitir desejos e necessidades. Esta forma de comunicação foi substituída pelos gestos, saltos e gritos. Os primeiros sons vocais dos primatas eram aleatórios e sem significado mas, com o decorrer do tempo, foram tomando consciência desses sons, memorizando-os e transmitindo-os para toda comunidade. Após memorizarem um determinado som, atribuíam-lhe um significado para que todos da comunidade pudessem compreender. Nesta fase, os povos comunicavam através de sons, sem a

elaboração de palavras. Conforme a capacidade de aprendizagem foi crescendo ao longo de milhões de anos, os sistemas de comunicação baseados em símbolos e sinais foram progredindo. Ainda hoje existem sociedades não alfabetizadas e que priorizam a comunicação oral, mas a maioria ultrapassou as limitações dessa etapa quando acrescentou a escrita, a imprensa e todos os restantes meios de comunicação.

Quando surgiu a escrita, a humanidade entrou numa nova Era. “Considere-se este facto, que marca bem a prodigiosa importância que tem para a humanidade...e abre uma nova Era, a Era da civilização da escrita” (Frabre, 1966, p. 23). A escrita passou por um longo processo até chegar aos sistemas alfabéticos que conhecemos atualmente, com inúmeras mudanças e transformações. Com a escrita surgiu o papiro, depois o pergaminho e, mais tarde, o papel. Os manuscritos multiplicaram-se e passaram a livros e, posteriormente, os livros começaram a ser impressos no final da Idade Média.

Foi então que Johannes Gutenberg desenvolve a imprensa em 1440. É graças a esta invenção e ao desenvolvimento constante dos transportes que o jornal vai, pouco a pouco, desenvolver-se a partir do século XVII e rapidamente expande-se por toda a Europa, especialmente na França e na Alemanha. “O jornal, esse, é a vida do universo no segundo que passa, um gigantesco eco de dimensão planetária, que repete tudo, imediatamente ao leitor” (Fabre, 1966, p. 52). Em Portugal, a arte de impressão parece ter nascido em 1487 mas a imprensa oficial só surgiu em 1641 com “A Gazeta da Restauração”, em Lisboa, e tinha como objetivo relatar as notícias deste período, marcando o início da propaganda política. O primeiro jornal diário português a ser publicado foi o Diário de Notícias, em 1864. Tratava-se de um jornal acessível que acabou por inovar o panorama jornalístico da época. Nessa fase industrial começaram também a surgir as agências noticiosas.

Finalmente ingressamos na Era da Comunicação de Massa. Esta foi uma transição que começou em meados do século XIX, com o surto de jornais e o aparecimento de outros veículos de comunicação como o telégrafo e o telefone. Muitos estudiosos acrescentam ainda que esta era é representada mais realisticamente pelo surgimento do cinema, rádio e televisão. Outros estudiosos defendem que o ser humano já vivencia hoje uma nova etapa que denominam Era dos Computadores.

A expressão “comunicação de massas” refere-se aos meios que comunicam abertamente com muitos recetores num curto espaço de tempo e independentemente da distância. A relação entre os meios de comunicação e o público é abordada por Mills (1968), tendo por base os impactos do aparecimento e da consolidação dos média na esfera da receção. À medida que os seres humanos evoluíram, a sua

capacidade de comunicar também evoluiu. A Era da Comunicação de Massa consumou as barreiras de isolamento entre as pessoas do mundo e conquistou mudanças significadas no funcionamento da sociedade.

2.1 Os avanços e retrocessos da imprensa portuguesa

“A imprensa cinge o mundo. Dantes reinava a espada – hoje governa a pena (...) A antiga civilização estava nas guerras, a nova está na imprensa” (Silva, 1841, p. 345). Em Portugal, como em vários países europeus, a imprensa começou com folhas volantes mandadas imprimir pelos governos. O jornalismo português nasceu da confluência de três fatores distintos: o progresso da tipografia, a melhoria das comunicações e o interesse do público pela notícia. A primeira publicação jornalística surgiu com a Gazeta de 1641, como referimos antes. O jornalismo trouxe uma vida social mais intensa, formou opiniões e aguçou a consciência dos cidadãos.

As invasões francesas impulsionaram o aparecimento dos periódicos em Portugal, com um padrão estritamente noticioso. A partir do século XIX, a Gazeta de Lisboa passou a ser diária. A partir de então, os jornais com periodicidade diária começam a nascer, um atrás de outros, face ao interesse dos leitores pelas novidades do país e do mundo. Por outro lado, no âmbito da Revolução Francesa, surgiram várias publicações volantes e jornais políticos que não foram tolerados pelo regime e acabaram por serem punidos com multas ou até prisão.

Em 1820, deu-se a Revolução Liberal e Constitucionalista em Portugal. Posteriormente estabeleceu-se a primeira lei relativamente à liberdade de imprensa, mas sempre com mecanismos jurídicos para condenar quem ultrapassasse os limites dessa liberdade. Esse apoio legislativo criou condições para um aumento do número de jornais e permitiu o regresso de exilados. Mas, mais uma vez, os periódicos contrarrevolucionários não paravam de surgir, o que levou à promulgação de uma lei repressiva da liberdade de imprensa. Após a legislação, o editor ou impressor passou a ser o responsável pelos atos do periódico que representasse. Todos os ataques ao Estado eram punidos. A Carta Constitucional parecia assegurar a liberdade de imprensa, mas sucessivas leis e decretos posteriores pareciam restringi-la. Para fugir às represálias que poderiam sofrer, muitos intelectuais fugiram do país e elaboraram jornais políticos que enviavam clandestinamente para Portugal.

Ainda em 1834, foi promulgada uma nova Lei da Liberdade de Imprensa que suscitou o aparecimento de um jornalismo diferente, mais “popular”. O Periódico dos Pobres foi publicado até 1846 e chegou a ter pelo menos cinco mil assinantes (Tengarrinha, 1989, p. 141). Este novo conceito tinha uma linguagem mais simples, mais imparcial relativamente a questões políticas, mas sem esquecer a Carta Constitucional. Mas como toda a história da imprensa se baseia num ciclo entre permissões e restrições em termos de leis, em 1840, uma nova lei estabeleceu novas limitações ao exercício da liberdade de imprensa e obrigava os editores de jornais a preencher requisitos específicos e a terem bens avaliados numa boa quantia para que pudessem sustentar as eventuais indemnizações e multas. Depois da Lei das Rolhas, que originou protestos em todo o país, até que se deu a sua revogação em 1851, a estabilidade política e o crescimento industrial permitiram o desenvolvimento da imprensa em Portugal e o aparecimento dos primeiros jornais portugueses “de massas”.

Os jornais populares noticiosos ganharam valor por toda a sua personalidade. Eram direcionados para toda a sociedade, tinham grandes tiragens (para a época), eram baratos (sustentados pela publicidade), escritos com uma linguagem clara, independentes de qualquer linha política, guiados apenas pela verdade e objetividade. O Diário de Notícias foi o primeiro exemplo disso. As redações cresceram, em espaço e em profissionais, e o jornalista adquiriu gradualmente mais importância. O público estava sedento de notícias relevantes e interessantes, então, foram fundados vários jornais dentro da mesma linha editorial, como o Diário Popular (Lisboa, 1866) e o Jornal de Notícias (Porto, 1866). O vigor da imprensa noticiosa portuguesa continua pelo resto do século XIX, com a adoção do lead¹² em cada notícia e com a aprofundação de certas problemáticas, por iniciativa dos jornalistas. Outros jornais nascidos no final do século XIX adotaram a mesma filosofia do Diário de Notícias, com destaque para O Século, fundado em 1881, por um grupo de republicanos. O Século, com um grafismo inovador, tornou-se o jornal mais lido do país, com uma tiragem diária de 80 mil exemplares, ultrapassando o Diário de Notícias, que se ficava pelos 70 mil (Carvalho, Cardoso e Figueiredo, 2005, p. 22). O romantismo na imprensa foi-se dissipando aquando o lançamento de novos jornais, essencialmente por motivos de negócio. Os jornais viram-se obrigados a ter condições para competir e subsistir, tornando-se importante ouvir o *feedback* dos leitores.

O século XX não começou da melhor forma para a imprensa portuguesa. Os jornais e os jornalistas que desafiavam o poder, principalmente os republicanos, eram censurados. Como consequência, os jornais eram apreendidos e os profissionais eram presos. Os leitores começaram a aperceber-se da censura e

¹² Primeiro parágrafo do texto jornalístico, contendo as respostas às seis perguntas consideradas básicas: o quê, quem, quando, onde, como e porquê.

foi aí que ocorreram muitos protestos, abaixo-assinados ou manifestações a favor da liberdade de imprensa. A 10 de Outubro de 1910, um dos primeiros atos republicanos, foi a imposição da liberdade de imprensa que foi rapidamente suspensa em 1912. Com o início da Primeira Guerra Mundial, e 1914, a situação ainda se agravou mais. O envolvimento de Portugal na Guerra contribuiu para o aumento das tiragens e da circulação de jornais e revistas informativas, embora algumas das notícias da frente de batalha fossem censuradas.

Já no Estado Novo, a Constituição de 1933 assegurava, teoricamente, a liberdade de expressão e de imprensa, mas ao mesmo tempo era explícito que o exercício dessa liberdade seria regulado por leis especiais. A partir de 1945, os crimes de abuso de liberdade de imprensa eram julgados pelos tribunais plenários de Lisboa e Porto, que também julgavam os crimes políticos. Para prevenir situações judiciais, os jornais deviam enviar os textos noticiosos à Comissão de Censura da sua área, que carimbava consoante a apreciação: “autorizado”, “autorizado com cortes” (assinalados a lápis azul, competindo ao jornal decidir sobre a publicação das notícias parcialmente cortadas), “suspensão” (conteúdos a aguardar decisão superior), “retirado” ou “cortado” (proibição absoluta de referência ao assunto em causa). Sabe-se então que o jornalismo depende da aprovação do Estado, das manipulações políticas e da luta pelo poder, ou seja, por vezes afina-se com os interesses do Estado, em outras lhe faz oposição. Os posicionamentos assumidos pelos jornais implicam correr riscos patrimoniais e pessoais, por vezes fatais (Sosa, 2006, p. 111). Até o ano 1974 manteve-se a censura à imprensa e a repressão sobre os que procuraram desafiar o Estado Novo com palavras. O triunfo da Revolução desencadeada pelo Movimento das Forças Armadas, no dia 25 de Abril de 1974, permitiu o restabelecimento da liberdade de imprensa em Portugal. O jornalismo funciona então como uma ponte entre o poder e a opinião pública, onde exerce sobre esta última uma influência forte e privilegiada, que lhe valeu a designação de quarto poder¹³. O jornalismo português ao longo do século XX sofreu diversas mutações estruturais e legislativas e vivenciou um longo contexto de privação de liberdade que condicionou a profissionalização dos jornalistas. Assistiu-se à massificação da rádio, em meados dos anos 40 e 50, do século XX, que mudou a forma de fazer jornalismo, assim como a implantação da televisão em 1957. Foi nessa época que a velha máxima “a televisão mostra, a rádio conta e o jornal explica” atingiu o seu ápice.

Quanto às novas tecnologias, Faustino (2004) aconselha à imprensa escrita e aos seus profissionais a estarem correntes das novas tecnologias, procurando acompanhar de perto a sua evolução. Todavia, é importante saber distinguir o acompanhamento do deslumbramento pela inovação tecnológica (Faustino,

¹³ Quarto poder é a expressão utilizada para exaltar a influência dos média na sociedade, equiparando-se aos poderes legislativo, executivo e judicial.

2004, p. 252). Na opinião de Dines (2004), se a personalização da informação, o cumprimento da periodicidade e a amplitude se mantiverem iguais, o jornal sobreviverá, porque nele o leitor tem a possibilidade de não só escolher aquilo que quer ler, como também quando quer ler. O autor acrescenta, ainda, que mesmo que os média tenham um impacto avassalador perante os meios de comunicação tradicionais e que, por isso, coloquem em questão o jornalismo tal como o conhecemos, os seus profissionais terão “o engenho e a imaginação para criar um novo jornalismo” (Dines, 2004, p. 106).

2.2 A evolução da “caixa-mágica”

A televisão consagrou-se como o mais importante veículo de comunicação da massa, de acordo com Fernandes (2001). A televisão – ou “caixa-mágica” como é apelidada – entra todos os dias na nossa casa para nos contar o que de mais importante se passa no país e no mundo e, também, para nos entreter. Para Goodwin e Whannel (1990), ao ser considerada por muitas pessoas como a fonte de informação mais incisiva e fiável sobre o mundo que nos rodeia, a televisão desempenha um papel fundamental na esfera informativa. É pela televisão que temos acesso àquilo que de mais importante se passa ao redor na nossa vida (Lopes, 2008). A televisão difunde informações capazes de moldar atitudes e estilo de vida dos seus consumidores. Segundo Júnior Arbex (2001, p. 34):

“(...) a televisão, com o seu aparato tecnológico cada vez mais aperfeiçoado, reivindica para si a capacidade de substituir com vantagem o olhar do observador individual. Diversas câmaras postadas em lugares distintos podem captar um número maior de imagens – ou a mesma imagem segundo vários ângulos -, com muito mais detalhes e maior precisão do que é facultado ao observador individual.”

A primeira emissão televisiva emitida em todo o mundo foi em 1936 e foi transmitida pela emissora pública British Broadcasting Corporation (BBC). Em Portugal, também não demorou muito a aparecer a primeira emissão experimental. Apenas 20 anos depois, no dia 5 de Setembro de 1956, a Rádio e Televisão de Portugal (RTP) dá o pontapé de saída no campo televisivo. Mas foi a partir do dia 7 de março de 1957, às 21h30, que passou a existir uma emissão televisiva regular. A situação vivida na época, em Portugal, fazia com que a televisão no nosso país tivesse regras diferentes de outras televisões, tal como todos os outros meios de comunicação social. Vivendo ainda sob um regime ditatorial, imposto pelo Estado Novo, todos os meios de comunicação eram controlados pela Censura, sendo muito limitada a liberdade de expressão. A RTP transmitia um telejornal formal (“senhores telespectadores...”) e com um

papel propagandístico (“imposto” pelo regime) muito notório. Este cenário refletia os ideais de Salazar que nunca foi apologista da televisão. O telejornal e a sua cobertura jornalística baseavam-se, numa maioria esmagadora, no regime. Uma rotina burocratizada e enfadonha, semelhante à da rádio.

Com a queda da ditadura portuguesa, a 25 de abril de 1974, passou a existir a possibilidade de dizer o que se pensava, escrever e noticiar sem as barreiras impostas pela ditadura; a liberdade de expressão era, sem dúvida, muito maior. Esta maior liberdade no campo mediático fez-se sentir, principalmente, a nível de abertura a novos investimentos e a uma programação televisiva menos reclusa e antiquada. Em 1975, surgem as primeiras emissões a cores, esporádicas. Desde março de 1980, começaram as emissões a cores, com o programa “Festival RTP da Canção”.

O modelo televisivo foi sofrendo alterações ao longo dos anos e a televisão foi introduzida na sociedade como um serviço público. Só mais tarde, surgiu a televisão privada (Reis, 2017, p. 31). No serviço público as pessoas ganham uma maior importância. As necessidades dos cidadãos, inseridos numa democracia, são as linhas guias do que se deve transmitir. A partir de então, o público teve acesso livre à informação, cultura e entretenimento, elementos de grande impacto numa estrutura social, assegurando-se que todos os cidadãos tenham o mesmo tipo de acesso no que toca a este tipo de serviço. Embora o serviço público de televisão esteja inserido num regime estatal, deve garantir que os meios de comunicação sejam livres e independentes perante a economia e a política (Reis, 2017, pp. 31-32).

A partir de 1986, com a entrada de Portugal na CEE (Comunidade Económica Europeia), Portugal sentiu a necessidade de se afirmar perante o resto da Europa e renovaram-se as prioridades no contexto televisivo. Deste modo, iniciaram-se negociações de maneira a permitir a criação de dois canais privados. O monopólio de 35 anos de televisão pública termina e dá aos espectadores mais canais para poderem escolher o que desejam ver, independentemente do dia e da hora (Reis, 2017, p. 33).

Em 1992 surge a SIC, seguida no ano seguinte (1993) pela TVI. Atualmente, os interesses dos espectadores podem ser distribuídos por um vasto número de canais, fornecidos pela TV digital por cabo. Mas, apesar da abundância de canais e programas televisivos, há uma persistência de formatos que alcançam grandes audiências como jogos de futebol, novelas ou telejornais.

Apesar da ameaça de outros meios de comunicação considerados dominantes – como a internet ou os outros média digitais – a televisão mantém-se como o mais importante meio de comunicação e o principal sistema de expressão de significação desde a segunda metade do Séc. XX (Machado, 2005). O

meio televisivo transmite à sociedade um maior sentimento de familiaridade ao permitir estar perto daquilo que na realidade está longe.

2.2.1 Telejornal

O jornalismo televisivo ou o telejornalismo, onde o exercício da profissão jornalística é aplicada à televisão, é o tipo de jornalismo que cria mais impacto e, ao mesmo tempo, mais empatia com as pessoas. Para Bustamante (2003), os blocos informativos assumem-se como um dos géneros televisivos primordiais. Quando falamos do telejornal, falamos de imagem e de movimento, falamos da instantaneidade, logo, considera-se imperativo a construção da informação de forma precisa, curta e eficaz (Bistane & Bacellar, 2008). O telejornal é uma atividade que envolve dezenas de pessoas, em diversos momentos.

A atualidade é uma das maiores condicionantes daquilo que vai para o ar todos os dias. Os telejornais diários são marcados, na maioria, por assuntos do momento que, por sua vez, são hierarquizados e organizados em blocos temáticos, no alinhamento, pelo editor do jornal. O tempo dedicado a cada tema/notícia também. Apesar disso, também há algum espaço para os chamados *fait-divers*, que tem vindo a ocupar cada vez mais espaço nos alinhamentos, principalmente aos fins-de-semana onde a informação é geralmente mais escassa. O alinhamento é o espaço onde se contêm todas as indicações fundamentais para a produção de um telejornal (fig. 7).

Story Slug	Anv	DCI	MICS Status	Jornalistas	MICS Obj	Mista	audio	Origem	Text	MICS Object	Est	Duration	Actual	Cume	Object	Front
--- TÍTULOS								SONY	0 15 0 00			0 15	0 15			19 58 00
Genética Inicial				Rodrigo G de Carvalho				OBX 509	0 00 0 00			0 00	0 15			19 58 15
Bruno de Carvalho DIAP			NOT READY	Ana P Moreira	Bruno de				0 00 0 00			0 00	0 15			19 58 15
Bruno de Carvalho Alcochete			NOT READY	Ana P Moreira	Bruno de	picto		SONY	0 00 0 00			0 00	0 15			19 58 15
Ronaldos Últimas			NOT READY	Antonio Reis	Ronaldo	picto		SONY	0 00 0 00			0 00	0 15			19 58 15
--- PROJAO Estímulo									0 04 0 00			0 04	0 18			19 58 15
Guerra Interna PSD			NOT READY	hes Timóteo	Guerra			SONY	0 00 0 00			0 00	0 19			19 58 19
Orçamento Últimas			NOT READY	Faça C Ramos	Orçamento	Fundo DE			0 00 0 00			0 00	0 19			19 58 19
Previdência Banco de Portugal			READY	Neima Pinto	Previdência	Fundo			0 14 1 58			2 12	2 31			19 58 19
PII Dia			NOT READY	Debara Henriques	PII Dia	picto Costa		SONY	0 14 0 00			0 14	2 45			20 00 31
Precatórios Função Pública			NOT READY	Patricia Bertes	Precatórios				0 00 0 00			0 00	2 45			20 00 45
Habituação AIR			NOT READY	Hugo Miranda	Habituação AIR				0 00 0 00			0 00	2 45			20 00 45
--- PROJAO Antidota								OBX 545	0 03 0 00	OFF	SONY	0 03	2 48			20 00 45
Intervenção			READY	Diego Torres	Tancos	Fundo			0 00 0 00			12 58	15 44			20 00 48
Tancos Últimas			READY	Ana Geraldes	Cristas	Fundo		SONY	0 15 1 44			1 55	17 43			20 13 44
--- PROJAO Antidota								OBX 545	0 03 0 00	OFF	SONY	0 03	18 28			20 16 26
Vale a Acederem Processos			NOT READY	Pedro Freitas	Vale a	Fundo		SONY	0 00 0 00			0 00	18 28			20 16 26
Helió Angelas Medidas Coação			OFF	Pedro Freitas	Helió Angelas			OFF	0 32 0 43			1 15	19 44			20 16 29
Incêndio Gole 1 ano Depois			OFF	Martim Ferreira	Incêndio Gole			SONY	0 15 4 19			4 34	24 18			20 17 44
Análise Dragagem			NOT READY	Eva Tanna	Análise	Fundo		SONY	0 00 0 00			0 00	24 18			20 22 18
Investimentos Avelar			READY	Catarina L Carvalho	Investimentos			SONY	0 10 1 58			2 08	26 27			20 22 18
--- PROJAO Brasil								OBX 522	0 00 0 00	OFF	SONY	0 00	26 27			20 24 27
Greve Estímulo			NOT READY	Andre Palma	Greve			SONY	0 00 0 00			0 00	26 27			20 24 27
Cirurgias Cancro			READY	Isa Neves	Cirurgias			SONY	0 10 1 24			1 34	20 01			20 24 27
Bastardo Ordem Médicos			READY	Marta Sobra	Bastardo			SONY	0 12 1 48			2 00	30 02			20 26 02
Jornais Crutadas			READY	Fernanda de O Ribeiro	Jornais	Fundo		SONY	0 15 1 48			1 16	32 08			20 29 02
Fátima Comemorações			NOT READY	Joaquim Franco	Fátima	Fundo		SONY	0 00 0 00			0 00	32 08			20 30 00
--- PROJAO Astorautas								OBX 522	0 03 0 00	OFF	SONY	0 03	32 03			20 30 00
Brasil Campanha			NOT READY	Isabel Flora	Brasil	Fundo		SONY	0 00 0 00			0 00	32 03			20 30 03
Brasil Volândia			NOT READY	Sofia Anide	Brasil	Fundo		SONY	0 00 0 00			0 00	32 03			20 30 03
Furacão Florida			NOT READY	Aurelio Faria	Furacão	Fundo		SONY	0 00 0 00			0 00	32 03			20 30 03
Tempestade Maraca			NOT READY	Edgardo Pratas	Tempestade	Fundo		SONY	0 00 0 00			0 00	32 03			20 30 03
Desaparecido Washington Post			NOT READY	Aurelio Faria	Desaparecido				0 00 0 00			0 00	32 03			20 30 03
Ataque Emergência Soyuz			READY	Luis Manso	Ataque	picto		SONY	0 15 1 38			1 51	33 54			20 30 03
--- PROJAO Fátima								OBX 522	0 03 0 11	OFF	SONY	0 14	34 08			20 31 54
Futebol beija orelhas			NOT READY	Rui Lavaredas	Futebol beija			OFF	0 00 0 00			0 00	34 08			20 32 00
Leonardo Jardim sai Mónaco			NOT READY	Cristiana Alves	Leonardo	VIDE		SONY	0 00 0 00			0 00	34 08			20 32 08

Figura 7. ENPS: Alinhamento do Jornal da Noite da SIC.

Segundo o *Manual de Jornalismo de Televisão* (Oliveira, 2007), a transmissão da notícia dá-se através de quatro formas: o *off*, ou seja, uma peça de curta duração na qual o pivô em estúdio lê a notícia de forma a narrar um bloco de imagens que entra no ar; a peça noticiosa, ou seja, a informação é tratada com *voz-off* na qual o texto gravado previamente pelo jornalista é inserido sobre as imagens que foram captadas; a reportagem, cuja presença do repórter é indispensável e a narrativa é contada pela voz ativa do jornalista como testemunha dos acontecimentos; e a grande reportagem, que este autor refere como “documentário”, na qual é permitida uma abordagem mais aprofundada de acontecimentos, permitindo também uma perspetiva histórica, o recuar no tempo, de modo a permitir uma visão mais enquadrada dos acontecimentos (Oliveira, 2007). Através destas quatro formas, é possível criar uma maior aproximação entre o ecrã e o público.

De acordo com Vieira (1981, p. 49), os telejornais causam atração do público porque buscam “aproximar os homens”, passando por cima de barreiras geográficas, culturais e ideológicas, e uniformizando crenças e hábitos. Para além de nos deixar a pensar, a televisão apresenta-nos o quotidiano através de emissões diárias e transmite valores que ligam a comunidade. A televisão preenche espaços de lazer, configura representações que emergem no espaço público, condiciona a tomada de decisões no campo político, provoca solidariedades e adesões (Fernandes, 2001, p. 11). Com as imagens e o som em simultâneo, a “história” a contar é mais facilmente perceptível e recebida pelas pessoas. Para além disso, acaba por ser possível provar às pessoas que aquilo que está a ser noticiado aconteceu realmente, ou está a acontecer.

Através desta forma de jornalismo, é feita uma encenação do mundo que funciona em duas vertentes: como um “ecrã espelho” (o mais parecido possível da realidade) e como uma “televisão janela” (que mostra o que as pessoas normalmente não têm acesso) (Lopes, 2008, p. 140). Mas, até chegar ao produto final, existe um processo quase rotineiro: procura, seleção, recolher, escrever e edição. Cabe a esta última etapa limar as arestas e fazer de tudo para que a notícia seja apelativa. O objetivo é captar a atenção do público, fazendo com que aquilo que ouviu e viu fique na sua memória. Esta maneira de juntar estas particularidades da televisão cria, a este meio, uma maior credibilidade, fazendo com que as pessoas sintam que o que estão a ver é verdadeiro, de confiança.

Para o autor Bill Kovach (2005, p. 74), a essência do jornalismo assenta numa disciplina de verificação. A objetividade e a verdade devem ser os elementos a constar em qualquer trabalho jornalístico a que o público tenha acesso. Aliás, esses princípios estão estipulados no Código Deontológico dos Jornalistas Portugueses, documento onde são mencionadas as regras de conduta do exercício da profissão. Ainda

assim, sem esquecer o código deontológico, as regras laborais que cada empresa possui, os valores-notícia e a imparcialidade, o jornalista tem de se fazer entender a qualquer tipo de pessoa que possa estar a ver/ouvir/ler. Em frente ao ecrã, tanto pode estar alguém sem qualquer grau de escolaridade como alguém formado, ou uma criança de 10 anos e um idoso. Estamos a falar de um meio que atinge vários segmentos da sociedade e que permite uma aquisição de cultura e conhecimento sobre o nosso país e o mundo (Lopes, 2008). Para um bom funcionamento, a informação tem de ser entendida por todos (Rodrigues, Veloso, & Mealha, 2014).

Atualmente, quando se fala em produzir conteúdos para televisão, os pensamentos já não são os mesmos que há um par de anos. Em qualquer reunião geral de um canal televisivo, as audiências são um dos fator-chave na hora de escolher o que colocar na grelha dos afazeres. A rivalidade existente faz com que a programação esteja ao serviço não daquilo que é importante para o público, mas daquilo que faz reverter audiências e, conseqüentemente, receitas publicitárias para as estações (Lopes, 2008, p. 23). O dever informacional pode ser deixado de parte por vezes para dar lugar às transmissões de conteúdos do agrado dos telespectadores. Como declara João de Almeida Santos (2000, p. 13), “a televisão funciona como os partidos políticos: ambos dão ao público aquilo de que é suposto o público gostar”. Neste caminho, o dever de serviço público é alterado, para dar lugar à designada “informação espetáculo”, sendo a que mais popularidade tem na audiência. O Infotainment¹⁴, informação e entretenimento fundidos, torna-se cada vez mais popular e presente nos programas televisivos. Os eventos políticos e sociais são apresentados e representados na tela de forma sensacionalista, envolvendo emocionalmente o público. Desse modo, existe o risco de se perder os limites entre o representante e o representado.

Apesar do género televisivo ter um papel determinante na sociedade, atualmente, os noticiários não se regem apenas pelo meio televisivo tradicional. Com o avanço da internet e, conseqüentemente, das técnicas de acesso ao diálogo com o público, a televisão tem passado por um período de reestruturação das formas de abordagem, e os telejornais não são excluídos deste processo. Todas estas preocupações levaram à fragmentação das audiências por diversas plataformas informativas a que podem ter acesso.

¹⁴ Neologismo criado e cada vez mais presente na linguagem multimidiática.

2.3. O que é ou não é notícia?

Em todo o mundo, ocorrem diariamente eventos que são suscetíveis de ser notícia. Porém, os órgãos de comunicação têm limitações ao nível do espaço e tempo disponíveis para apresentar esses mesmos factos, portanto “apenas uma fração das notícias do dia pode ser incluída” (Coleman, McCombs, Shaw & Weaver, 2009, p. 148). Segundo Pierre Bourdieu (1997, p. 12), “os jornalistas têm os seus «óculos» particulares através dos quais veem certas coisas e não outras; e veem de uma certa maneira as coisas que veem”. E, para ser feita a seleção dos acontecimentos, é fundamental atravessar um processo de edição, conduzido pelos valores-notícia ou também designados como critérios de noticiabilidade, determinando “que acontecimentos são passíveis de terem visibilidade mediática e a sua extensão” (Greer, 2017, p. 33).

O rascunho de uma notícia começa a desenhar-se onde ela acontece, no momento e no lugar, onde o jornalista dá o primeiro passo ao estruturar os elementos mais importantes. É de conhecimento geral que uma notícia deve responder a questões como: quem? (emissor), o que? (mensagem), como? (meio), porquê? (impacto) e a quem? (recetor). Através destas perguntas chega-se a uma mensagem completa e de fácil entendimento. A notícia tende a dizer-nos o que queremos saber, o que precisamos de saber e o que deveríamos saber (Tuchman, 1983). Mas o que é considerado notícia nos meios de comunicação social? Quais são os critérios de seleção de uns acontecimentos face a outros?

Durante todo o processo noticioso, o jornalista pode ser influenciado por inúmeras razões. Não basta seguir um manual ou livro de estilo para descobrir o que é ou não uma notícia. Ainda assim, existem critérios de noticiabilidade que auxiliam e guiam o processo. Em qualquer meio de comunicação, a informação é filtrada e preparada antes de ser transmitida ao público através de processos que permitem organizar e hierarquizar os acontecimentos. Os valores notícia funcionam como critérios de seleção de acontecimentos, isto é, criam uma escala de valores que permite analisar o grau de possibilidade de um acontecimento se transformar em notícia (Canavilhas, 2001, p. 3). Segundo Adriano Duarte Rodrigues (citado em Brandão, 2002, p. 73) é acontecimento tudo aquilo que rompe a história entre uma diversidade aleatória de factos virtuais, ou seja, tudo o que seja imprevisível, tem probabilidade de ser notícia. Mas a imprevisibilidade não é o único critério no que toca à noticiabilidade. Em conformidade com Mauro Wolf (citado em Sousa, 2000, p. 101), a noticiabilidade pode ser definida como o conjunto de elementos através dos quais o órgão informativo controla e gere a quantidade e o tipo de acontecimentos, de entre os quais há que selecionar as notícias. Torna-se, então, imperioso que no

sistema produtivo de informação se determine quais os acontecimentos merecedores da atenção dos jornalistas e do público.

Galtung e Ruge (citado em Fontcuberta, 2002, p. 37) foram pioneiros no estudo deste tema e selecionaram doze valores-notícia que os meios de comunicação têm em atenção: frequência (a duração do acontecimento); amplitude (a amplitude do acontecimento pode adquirir um relevo significativo); clareza (quanto menos ambíguo maior a probabilidade de ser notícia); significância (um acontecimento com importância para a comunidade espetadora); consonância (capacidade de corresponder às expectativas do que se quer que aconteça); imprevisibilidade (um acontecimento inesperado ou invulgar); continuidade (continuação de algo que já foi noticiado); composição (para garantir o equilíbrio com a diversidade de assuntos); referência a nações de destaque; referência a pessoas de destaque (um evento que conte com uma figura de destaque tem mais hipótese de ser mediatizado); personalização (as ocorrências baseadas em histórias de indivíduos atraem um maior interesse); negatividade (as más notícias vendem mais do que as boas; quanto piores forem as consequências de um acontecimento, maior o impacto junto do público é superior). Segundo a pesquisa efetuada por Newhagen e Reeves (citado por S.A., 2010, p. 29), a informação televisiva que contém imagens negativas é mais facilmente memorizada pelos telespetadores do que a dos restantes itens noticiosos. Nesse contexto, Nuno Brandão (2010, p. 141), num estudo realizado em 2006, sobre a informação transmitida pelos quatro canais generalistas portugueses, chegou à conclusão que os valores-notícia presentes nos noticiários televisivos obedecem ao inesperado e negativo, aproximando-se do que se apelida de “jornalismo popular-sensacionalista”.

No entanto, os critérios de noticiabilidade não são intransigentes nem genéricos. Aliás, segundo Harcup e O'Neill (2009, p. 164), dependem do meio e do formato onde as notícias podem ser apresentadas. Na visão de Jewkes (2011, p. 44), até as publicações que parecem semelhantes podem ter grandes diferenças nos valores notícia pelos quais se regem, estando de acordo com a perspetiva que pretendem abordar. Nelson Traquina salienta que embora os valores-notícia sejam “um elemento básico da cultura jornalística, partilhado pelos membros desta comunidade interpretativa” (Traquina, 2002, p. 203), não estão isentos da escolha organizacional. A linha editorial do veículo de comunicação pode afetar a seleção dos acontecimentos de várias maneiras. Se outrora o desafio era informar, atualmente o desafio é acrescentar informação. É necessário um esforço extra por parte dos jornalistas em dar algo novo, apelativo e que acrescente algo à panóplia de informações a que os cidadãos têm acesso diariamente, sem precisar diretamente da comunicação social.

2.4 Rotinas produtivas do jornalismo

O trabalho de um jornalista envolve um conjunto de ações específicas como em quase todas as profissões, uma vez que as rotinas são transversais a qualquer área profissional. Esses hábitos são um elemento muito presente e até indispensável no cotidiano de grande parte das redações dos órgãos de informação. Nesse sentido, Nuno Brandão alega que “hoje, não é possível entender as notícias sem também uma adequada compreensão da própria cultura dos jornalistas, que são os «agentes especializados» do «campo jornalístico»” (2005, p. 125). Antes do produto noticioso estar disponível para os leitores ou para a audiência, o caminho já foi longo e obedeceu a um conjunto de práticas e padrões que não podem falhar. A este percurso, que envolve profissionais ligados ao cotidiano de uma redação, chamamos-lhe rotinas produtivas.

Com o passar do tempo, a “informação tornou-se onnipresente, confinando uma tirania do instante. Sabemos tudo, de todos os cantos do mundo” (Wolton 1999, p. 224). Mas toda a informação a que hoje temos acesso não existiria sem o cumprimento de certos procedimentos e rotinas necessárias à realização de uma notícia. Jorge Pedro Sousa acrescenta que “as rotinas, enquanto padrões comportamentais estabelecidos são (...) os procedimentos que (...) asseguram ao jornalista, sob a pressão do tempo, um fluxo constante e seguro de notícias” (2000, p. 53).

Ao longo das fases de recolha, seleção, elaboração e edição da informação, que compõem a ação mediadora dos jornalistas, o trabalho destes profissionais exerce-se no contexto de vários fatores, que formam uma rede complexa de condicionalismos e constrangimentos de diversos níveis (Lopes, 2006, p. 37). Porém, esta rede nem sempre é favorável. O trabalho jornalístico pode ser distorcido ou simplificado por se tornar num hábito, quer de fontes quer de acontecimentos. E, na pior das circunstâncias, os diversos órgãos de comunicação social começam a difundir elementos noticiosos semelhantes (Sousa, 2000, pp. 54-56).

Michael Schudson explica que os jornalistas podem não sofrer pressão por parte dos superiores mas acabam por sofrê-la por parte dos costumes rotineiros, ou seja, “o repórter é libertado – da influência pessoal dos diretores – e ao mesmo tempo constrangido por ideias, valores e práticas imanentes ao trabalho das organizações noticiosas” (1988, p. 23). E um dos constrangimentos que muitos se jornalistas se deparam é o escasso tempo de que dispõem para fazer o seu trabalho. Trata-se de uma atividade que vive do minuto, do instante, do agora. Tudo tem que estar pronto no tempo estipulado, caso contrário, não existe produto final. Se isso acontecer, o jornalista pode estar a ser ultrapassado pelo

seu colega. Os jornalistas encontram-se num “palco de concorrência e luta pela prioridade, pela «notícia mais nova», o jornalista emprega a rapidez e a renovação permanente” (Santos, 2006, p. 19).

Como mencionado no ponto anterior deste relatório, “o próprio conceito de «atualidade» constitui o coração e a alma da atividade jornalística: o jornal, o telejornal, devem dar a conhecer o que há de «novo», o que «acaba» de acontecer” (1988/1999, p. 174). Este progredir constante do tempo, e a sua relação com o trabalho em redação, não dependem apenas do jornalista/autor da notícia, mas também dos colegas/jornalistas ao seu redor, que desempenham funções relacionadas com o mesmo. O serviço de agenda das redações tem essa mesma função: prever os acontecimentos, ajudando o jornalista no controlo do tempo de que dispõe para fazer, mais tarde, a cobertura jornalística dos mesmos. “A empresa jornalística tenta planear o futuro através do seu serviço de agenda, (...) permitindo assim a organização do seu próprio trabalho com uma certa antecedência” (2002, p. 109). Um outro exemplo é o editor de imagem, no caso da televisão, ou o fotojornalista, no caso da imprensa. Estes jornalistas devem ter a sua parte do trabalho pronta para não atrasar a divulgação da notícia.

2.4.1 Processo noticioso

Uma redação de informação está organizada por editorias, e dentro de cada uma delas, existe um editor principal em conjunto com os jornalistas, alguns mais especialistas em determinadas áreas. Os jornalistas especializados em certas áreas ou assuntos são distinguidos dos jornalistas ditos generalistas, ou seja, que redigem sobre tudo mas não tão aprofundado. O autor Rogério Santos (2006, p. 47) considera que o jornalista generalista realça o incidente e não a sua origem, superiorizando o acontecimento e não a problemática que o envolve. Por outro lado, defende que a especialização se traduz “no melhor conhecimento de uma temática, o que habilita os jornalistas a produzirem bons textos e poderem constituir manchetes ou chamadas de atenção na primeira página da edição”.

Mas, independentemente de se tratar de um jornalista generalista ou especialista numa área específica, todos estão submetidos a um processo noticioso. Rogério Santos (2006) enumera em etapas o trabalho jornalístico: seleção, hierarquização dos acontecimentos de acordo com o espaço e o tempo disponíveis, produção e contextualização. De alguma forma, tempo e espaço formam uma simbiose perfeita no jornalismo. Entre o tempo da ocorrência de um acontecimento até à sua divulgação, é preciso estabelecer uma ligação espacial com o jornalista que pode cobrir esse acontecimento. A este nível, no caso português, Nelson Traquina observa que “é inegável a existência de grandes «buracos» na «rede

noticiosa». A razão principal reside na extrema concentração dos recursos das empresas jornalísticas, em termos geográficos, em Lisboa” (2002, p. 108). Verifica-se, então, que a descentralização é também uma dificuldade no jornalismo.

No campo profissional da atividade jornalística, importa não esquecer a relevância que as fontes têm no processo, não só como fornecedores de informação mas também como origem de diversas notícias. A relação que se cria entre um jornalista e uma fonte de informação integra, claramente, a rotina produtiva jornalística. Em certos casos, ter boas fontes de informação pode significar ir mais longe na notícia face à concorrência. As fontes de informação desenvolvem, diariamente, várias técnicas para chegarem aos jornalistas de forma a transmitirem o que desejam (com o intuito de se tornar público). Essas tentativas podem chegar seja através do envio de comunicados de imprensa, conferências de imprensa, visitas ou refeições. É como juntar o útil ao agradável: as fontes precisam dos jornalistas para divulgarem algo e os jornalistas precisam das fontes para ter matéria de divulgação.

Como observámos, as rotinas produtivas são fundamentais para perceber de que forma se desenvolve o quotidiano jornalístico numa redação. Passos como esclarecer tempos de fabrico da notícia, determinar espaços de cobertura noticiosa, preservar uma ligação positiva com fontes de informação, são três das muitas características que arquitetam a fórmula certa para informar.

2.5 O impacto do digital no jornalismo

Tal como Pinto refere “o jornalismo está a mudar. Diante do panorama da mudança, nem sempre claramente caracterizada, são múltiplos e contraditórios os sentimentos, os discursos e os comportamentos” (Pinto, 2004, p. 123). Na perspetiva do autor, o jornalismo digital assume-se como um dos maiores e mais complexos desafios que a esfera jornalística enfrenta contemporaneamente.

Na opinião de Bastos (2006), o surgimento do jornalismo digital no nosso país data de 1995. Durante a primeira década de ciberjornalismo, Molinos, Marques e Ferreira (2006) destacam o facto do Jornal de Notícias ter sido o primeiro jornal diário português a criar um site *online*. Esta experiência foi positiva na medida em que os leitores aderiram face à quebra que então se verificava na edição em papel. Conforme as palavras de Faustino (2004), as empresas nacionais do segmento da imprensa conceberam a Internet

como um aliado e não como concorrente, utilizando-a para crescer e, de certa forma, rentabilizar os conteúdos em papel.

Com o avanço tecnológico e o surgimento das mais variadas plataformas digitais, tanto os conteúdos como a forma de os produzir foi alterada. As rotinas dos jornalistas nas redações sofreram mudanças. Para se inteirarem daquilo que se passa no país e no mundo, os próprios jornalistas já recorrem à Internet). A necessidade de ir à procura de informação já não é feita como antigamente; ela chega até aos jornalistas e até ao público através das mais variadas plataformas, sem ninguém ter de se deslocar.

Vivemos numa época de ouro da televisão, mas não de notícias de televisão (Nielsen & Sambrook, 2016, p. 5). Isto porque o público mais jovem está cada vez mais indiferente às notícias televisivas. A queda da televisão tradicional e a ascensão do meio *online* apresentam uma série de desafios, mas também oportunidades para os meios televisivos: desafios no ajuste a uma atmosfera dinâmica e oportunidades porque estamos num meio com melhores dispositivos para atender as expectativas das audiências (Nielsen & Sambrook, 2016, p. 22). Apesar de ainda se assistir aos telejornais em casa, o contexto individual tem vindo a ganhar peso, através da possibilidade de assistir a programas a partir de outros suportes, como os *smartphones* e *tablets*. A facilidade de acesso à informação permitiu um maior consumo de informação noutros espaços e meios que não o caseiro e familiar. A visualização de notícias é muitas vezes feita em espaços exteriores, como restaurantes, cafés ou nos transportes públicos. Face a esses desafios e oportunidades, muitas empresas estão a tentar dinamizar. O *live-streaming online*, ou transmissão em direto online, tem sido uma das áreas em que os canais televisivos informativos têm apostado. Em Portugal, a SIC lançou o PRIME (primeiro noticiário em vídeo feito exclusivamente para a internet e redes sociais). Esta e todas as alterações que possam vir a ser feitas reforçam a noção de que cada vez mais o campo de consumo noticioso é móvel.

O termo "*fast decision making*" é o que melhor define o jornalismo *online*, onde a informação tem de ser contínua e rapidamente publicada, com a pressão de que há sempre novas informações a surgir (Vos & Heinderyckx, 2015, p. 127). Com a internet, a informação está em constante evolução ao longo do dia. Mesmo quando não há notícias relevantes, no jornalismo *online*, os jornalistas continuam a procurar frescura e novidade nos conteúdos, recorrem às *soft-news*¹⁵, para manter a atenção das audiências (Vos & Heinderyckx, 2015, p. 127).

¹⁵ Notícias "suaves" que se caracterizam por um estilo jornalístico que mistura informação e entretenimento.

Subsistem dois fatores essenciais no jornalismo concebido para o *online*: a pertinência dos conteúdos e a sua diversidade. Através dos cliques do público, comentários, “*followers*” e “*retweets*”, é possível ter o feedback das notícias mais consultadas pelo público. É importante que se consiga ter um balanço entre *hard-news* e *soft-news*, bem como uma abordagem a assuntos distintos (Vos & Heinderyckx, 2015, pp.135-136).

É de realçar, também, que com o avanço tecnológico vieram novas pressões laborais. A pressão do tempo, a exigência de uma maior produção para mais plataformas e menos pessoas na redação, fazem parte da realidade atual de muitos meios de comunicação social em Portugal. A Internet expandiu-se com o tempo, e tendo várias vantagens, uma das mais significativas é o facto de que nenhum meio de comunicação tradicional consegue atingir o que a internet consegue: o alcance planetário (Barbosa, p. 2). Mas nem tudo são benefícios, uma vez que as empresas na área da comunicação e dos média continuam a interrogar-se sobre a forma como se poderão adaptar à realidade mediática imposta pelos novos meios de comunicação. Ainda não é claro o trajeto a seguir e de que forma podem obter lucros pelos conteúdos digitais, num panorama em que o público tem acesso a uma quantidade infindável de dados gratuitamente.

Capítulo III. Estudo Empírico

Todo e qualquer estudo empírico pressupõe uma metodologia de trabalho previamente estudada e definida, de forma a conduzir à execução do estudo. Por isso, o processo metodológico é de extrema importância para o sucesso do mesmo. “Toda a pesquisa deve ter um objetivo determinado para saber o que se vai procurar e o que se pretende alcançar” (Marconi & Lakatos, 2002, p.24). A pesquisa é um processo “reflexivo e crítico de procura de respostas para problemas ainda não solucionados” (Silva & Menezes, 2001, p.29) em que a preparação e a sua realização fazem parte de um processo com várias fases. Para um bom planeamento da pesquisa é indispensável “a existência de uma pergunta, a elaboração de um conjunto de passos que permitam chegar à resposta e a indicação do grau de confiabilidade na resposta obtida” (Goldemberg citado em Silva & Menezes, 2001, p. 73). Para este estudo foram escolhidos dois meios de comunicação social nacionais: a estação televisiva Sociedade Independente de Comunicação (SIC) e o jornal diário generalista Jornal de Notícias (JN). A escolha destes dois *mass media* tem como intenção averiguar a presença ou não de diferenças entre a televisão e o jornal no exercício da profissão e no tratamento noticioso.

3. Descrição do objeto de estudo

Nas perspetiva de António Firmino da Costa, a elaboração de um objeto de análise tem sempre implícita “uma seleção das dimensões sobre as quais a pesquisa pretende incidir” (Costa, 1999, p. 137). Enquanto jornalista estagiária em duas das maiores empresas de comunicação social do país, considere pertinente desenvolver um estudo empírico no quadro do relatório de estágio sobre as diferenças no exercício da profissão, quer num meio como no outro. Assim, este capítulo tem como objetivo refletir sobre o estágio curricular, aliado a uma análise prática, a partir da questão de investigação: Quais as principais dissemelhanças na rotina jornalística entre a imprensa e a televisão?

Neste estudo, onde se comparam dois meios de comunicação de massas, espera-se conseguir obter resultados que mostrem como os processos até chegar à notícia podem ser díspares num jornal e numa televisão. Espera-se também entender o que um jornalista necessita de saber para trabalhar quer num meio quer noutra. O objetivo deste pequeno estudo, não é, porém, o de chegar a uma verdade absoluta sobre as diferenças existentes. Afinal, a realidade pode e deve variar de jornalista para jornalista nas

duas redações. Posto isto, é suposto chegar a um conjunto de conclusões próprias para esta análise, e não generalizá-las para todos os meios de comunicação, uma vez que cada um deles terá as suas particularidades. É relevante salvaguardar que, ao longo de toda a pesquisa bibliográfica, foram encontrados poucos estudos sobre o tema em específico, sendo este relatório baseado maioritariamente na experiência de estágio. Desta forma, a investigação parte sem quaisquer pré-ideias e juízos em relação à forma como os jornalistas de imprensa e os de televisão procedem no seu dia-a-dia profissional. Apesar da experiência de estágio ter permitido ter uma breve noção de como é esse dia-a-dia, é suposto partir do zero e, depois, construir e definir a pergunta de partida. A questão a responder deve espelhar aquilo que o investigador quer perceber e explicar com o seu trabalho (Quivy & Campenhoudt, 1998, p. 33), colocámos em prática aquilo que os autores definem como boa pergunta, nomeadamente, as qualidades de clareza e objetividade que a mesma deve apresentar, tornando-se, desta forma, no fio condutor da nossa investigação.

Nos capítulos anteriores, foi feita uma revisão literária e científica sobre imprensa, televisão e notícia que acabou por permitir estabelecer uma ligação entre a parte teórica com a parte prática – o estágio. Segundo os autores João Ferreira de Almeida e José Madureira Pinto (1995, p. 85), “as técnicas de investigação são conjuntos de procedimentos bem definidos e transmissíveis, destinados a produzir certos resultados na recolha e tratamento da informação requerida pela atividade de pesquisa”. Por isso, nesta componente mais científica foi feita a observação/diagnóstico durante ambos os estágios (no Jornal de Notícias e na SIC) e uma análise qualitativa a partir das notícias redigidas para ambos os meios de comunicação em análise.

3.1 Observação e Discussão

A observação foi primordial para alcançar os dados indispensáveis para o estudo, tendo sido uma “observação sistemática” (com planeamento e condições controladas para responder à questão principal do tema), “individual” e “na vida real” tendo sido efetuada de forma individual e com registo de dados à medida que os mesmos ocorriam (Silva & Menezes, 2001). “A vantagem de ser um observador participante reside na oportunidade de estar disponível para recolher dados ricos e pormenorizados, baseados na observação de contextos naturais. Além disso, o observador pode obter relatos de situações na própria linguagem dos participantes, o que lhe dá acesso aos conceitos que são usados na vida de todos os dias” (Burgess, 1997, p. 86).

No que se refere ao horizonte temporal, a observação foi feita na redação do Jornal de Notícias (fig.8 e 9) de janeiro a março de 2016 e na redação da SIC de março a maio de 2018¹⁶.



Figura 8. Entrada da redação do Jornal de Notícias.



Figura 9. Zona da secção "Porto" do Jornal de Notícias.

¹⁶ O estágio na SIC foi de seis meses mas, para ficar em pé de igualdade com o Jornal de Notícias e, porque também só integrei os telejornais do canal televisivo a partir de março, a análise foca-se especificamente nos últimos três meses.

Durante esse tempo, foi procurado identificar os elementos que representam o campo jornalístico português e quais as semelhanças e desigualdades existentes entre o jornalismo televisivo e o jornalismo impresso, na atualidade. De forma correlativa, o intuito foi, também, apurar quais os critérios inerentes ao processo de seleção e hierarquização noticiosa, averiguar o processo de produção de informação e, por fim, entender o que é necessário saber para um bom desempenho quer no jornalismo televisivo como na imprensa escrita.

Note-se, no entanto, que a observação de que falamos não se pode equiparar à chamada observação participante, enquanto técnica de investigação científica, uma vez que essa observação se deu em contexto de estágio. Ora, em contextos desse tipo, o observador é obrigado a ter uma participação elevada, ao contrário do que acontece na pesquisa científica onde o investigador pode escolher entre diferentes graus de participação o que melhor se adequa ao terreno. Um investigador no terreno tira notas dos sujeitos de investigação ou grava por meio de recursos audiovisuais, um estagiário durante a experiência de estágio tem que produzir peças ou qualquer outro produto ou serviço que a empresa fornece. Acresce ainda que, ao contrário do investigador, não ocupa uma posição neutra, quer dizer, deve permanecer sempre com um pé dentro, em oposição ao investigador que tem de manter sempre uma certa distância. O estudante estagiário sabe que a sua prestação vai ser avaliada, quer pela instituição em que faz o estágio, quer pela instituição responsável pelo curso que frequenta. Para mais, ainda que remotamente, há a possibilidade de uma eventual contratação. Portanto, a participação de um estagiário nas rotinas quotidianas é sempre enviesada por este traço fundamental da experiência de estágio, que a distingue claramente da experiência de um investigador que usa a observação participante para recolher dados no quadro de um projeto de investigação.

3.2 Análise do processo de produção noticiosa

Inúmeros tópicos estão incluídos na produção de uma notícia e todos eles estão compreendidos nos requisitos de produção do discurso jornalístico. Segundo Bourdieu (1997), alguns minutos na televisão são preciosos, tanto a nível informativo como de publicidade (uma das maiores fontes económicas dos meios de comunicação). O tempo para divulgação é inferior face ao espaço no jornal impresso. Por esse facto, é necessário fazer uma triagem minuciosa já que são poucas as matérias com possibilidade de difusão. Esta situação já não acontece no canal totalmente informativo que a estação também possui – a SIC Notícias – onde o todo o tempo existente é unicamente para conteúdos noticiosos. De uma forma

geral, e na ótica de uma jornalista estagiária, existem cinco fases da atividade jornalística que integram a rotina de um profissional de qualquer meio de comunicação: a procura, a seleção, o serviço, a redação e o tratamento final.

3.2.1 Procura e seleção

Num primeiro nível, a procura pode entender-se como a busca de informação suscetível a ser notícia. Aliada à procura está também a receção da informação que pode chegar em diferentes formatos: *e-mails*, telefonemas, conferências de imprensa, cartas, fax, convites, etc. Normalmente, essas tarefas estão destinadas a uma editoria própria, habitualmente designada por Agenda, com uma equipa de jornalistas a trabalhar nesse ofício exclusivamente. Em ambos os meios, imprensa e televisão, qualquer jornalista pode sugerir um serviço ou ideia a aprofundar, ficando sujeito à aprovação dos superiores, como as restantes propostas.

Quanto a esta fase, as rotinas entre o jornal e a televisão não foram diferentes. Quer no Jornal de Notícias, quer na SIC, existe a editoria que trata de receber e procurar informações e, depois de inseridas no sistema pela Agenda, as propostas são discutidas em reuniões diárias com o conselho de direção e editorial de ambas as empresas, a fim de selecionar o que deverá seguir para reportagem e qual o jornalista atribuído a cada serviço. Antes da marcação dos serviços é feita uma chamada para confirmar se é possível realizar a reportagem e para obter a autorização de filmagem. Na componente prática, na SIC, a compreensão da utilidade e do valor do “berço da redação” foi melhor, uma vez que o estágio foi iniciado nessa secção. No Jornal de Notícias, essa situação não aconteceu, sendo que as únicas interações com a Agenda do JN foram apenas no sentido de acertar pormenores sobre os serviços (a hora do serviço ou qual o fotojornalista, por exemplo).

3.2.2 Execução do serviço

Feita a seleção dos assuntos e o seu agendamento, o jornalista tem acesso às principais informações para passar à execução do serviço. Na nota de agenda a que o jornalista tem acesso estão anotados os detalhes acerca do serviço, ou seja, o horário de saída da redação, o horário do evento, noções e dados que podem ser úteis no momento da entrevista ou composição da notícia, etc. No Jornal de Notícias, ao

lado da entrada da redação, existe um documento exposto na parede (fig.10), atualizado diariamente, com os serviços do dia e os jornalistas e fotojornalistas atribuídos. A partir desse momento, o jornalista vê o tempo que tem até à hora de saída e pesquisa mais sobre o serviço de forma a melhorar a execução do seu trabalho no local (ou na redação, caso não seja necessário sair). Aqui, o jornalista deve procurar ter o máximo de conhecimentos sobre o tema, quer lendo o que já foi publicado, quer consultando documentação nas variadas plataformas disponíveis. Num segundo momento, o jornalista parte para o terreno com o fotojornalista. Anota tudo o que considera relevante para a futura notícia e certifica-se de que não escapou nenhuma informação fundamental. Nomes, cargos, citações, conceitos, ideias. Nada pode ficar para trás, nada pode ser esquecido. Durante o estágio não me foi atribuído nenhum gravador para realizar as entrevistas, nem era um instrumento muito utilizado pelos jornalistas ao meu redor, sendo o bloco de notas o maior aliado no registo da informação. Por norma, devido a decisões da direção ou mesmo pela falta de recursos, o transporte dos jornalistas era feito por táxis, através de senhas, fornecidas pela receção do JN e entregues aos motoristas.

Agenda DJN : Serviço Externo					
quarta-feira, 24 de Fevereiro					
Redação - Porto					
Editoria	Serviço	Hora	Cidade / Local	Reporter	Rep. Foto.
E-Regiões - Porto	Beira mar de Matosinhos cheia de detritos castanhos	9:00	/ Matosinhos	Asegurada	FOTO
D-Segurança	Leitura do acórdão do ex-presidente do IPN-Crédito e mais três ex-af	10:00	/ Inst. Central, 1ª Secção Crimina	Nuno Maia	FOTO
E-Economia e Trabalho	Uma equipa de 6 compradores do Pão de Açúcar do Brasil está em Port	10:00	/ Fundação AEP - Avenida da B	Não vai	FOTO
MCultura	edição super especial do MODÍSSIMO que aterra no Aeroporto do Porto	10:00	/ Aeroporto Francisco Sá Carneir	Sara Oliveira	FOTO
N-Desporto	Pedro Passos, Presidente da LPPP, é o orador da iniciativa "Encontros	10:15	/ Escola Secundária de Penafiel	Asegurado	FOTO
E-Regiões - Centro	história de sucesso da Adega de Cooperativa, que passou de uma situaç	11:30	/ Adega de Cantanhede	Joko Paulo Costa	FOTO
MCultura	Teletexto na RTP: reportagem	11:30	/ RTP, Monte da Virgem - Gaia	Ana Isabel Pereira	FOTO
D-Segurança	início do julgamento de um recluso acusado de matar outro no EPL, em	13:30	/ Instância Central Criminal de L.	Carlos Varela	FOTO
E-Regiões - Porto	Peace Run 2016: Tocha parte amanhã da cidade do Porto e chega a Ro	14:15	/ Escola Irene Lisboa, Porto	Sandra Costa	FOTO
E-Regiões - Porto	Conferência de Imprensa do PCP sobre municipalização da STCP	14:30	/ Sede do PCP, Avenida da Bous	Asegurado	
E-Regiões - Porto	Reportagem sobre os presos	14:30	/ Valbom -Av. Miguel Bombarda	Asegurada (914396569)	FOTO
E-Regiões - Porto	ED. 25: Corpos dos pescadores do Mar Nosso nunca foram reclamados	14:30	/ Vila do Conde	Ana Tróscado Marques	FOTO
E-Regiões - Porto	Sessão de boas-vindas de estudantes internacionais na Universidade do	15:00	/ Reitoria da Universidade do Po	Miguel Amorim	FOTO
N-Desporto	Exclusivo: reportagem no Clube de Ténis de Guimarães, a propósito da	16:00	/ Clube de Ténis de Guimarães, e	Emanuel Carneiro	FOTO
MCultura	Conferência com a artista sul coreana Haegue Yang no âmbito do projet	18:00	/ Faculdade de Belas Artes da U.	Nuno Gomes	FOTO
MCultura	Concerto de António Zambujo & Miguel Araújo, o primeiro de uma sér	21:45	/ Coliseu do Porto	Nuno Gomes	FOTO
MCultura	Artes: "Governo Sombra" no Correntes D'Escritas	22:00	/ Póvoa de Varzim / Cineteatro Ga	Ana Tróscado Marques	FOTO
Redação - Lisboa					
Editoria	Serviço	Hora	Cidade / Local	Reporter	Rep. Foto.
E-Regiões - Lisboa	Câmara de Amadora investe três milhões de euros em unidades residen	10:45	/ Amadora / Câmara Municipal da	Paulo Lourenço	
E-Política	Ministro Eduardo Cabrita fala sobre "Descentralização e Reforma do E	12:15	/ Hotel Double Tree by Hilton Li	Alexandra Inácio	
C-Noticiário - Saúde	Sessão pública de apresentação do Plano Estratégico da Reforma do Se	15:00	/ Auditório do Infarmed, Parque	Ana Gaspar	
MCultura	Termino Conferência Internacional de Editores da Playboy	15:00/17:3	/ Hotel Epic Sana (Av. Eng. Dom	Cristiano Pereira	FOTO

Figura 10. Planeamento dos serviços do dia do Jornal de Notícias.

Na SIC, os serviços eram conhecidos no dia anterior ou, tal como no JN, no próprio dia. Neste caso, o jornalista deve avisar o repórter de imagem porque muitas vezes o mesmo não tem acesso à lista de serviços e, a partir daí, cabe à dupla decidir quando sair da redação de forma a chegar a tempo do evento a reportar. Até esse momento, o jornalista pode preparar e esclarecer as questões a fazer, enquanto o repórter de imagem prepara os materiais (câmara, cassetes de registo, tripé, microfone, bateria e pilhas). Neste meio de comunicação, o bloco de notas não era crucial como na imprensa, uma vez que tudo ficava gravado no áudio da câmara. Regra geral, o repórter de imagem conduz um dos carros de

reportagem do canal televisivo, o que se traduz também numa forma de identificação ao chegar ao local. No local do serviço, os procedimentos são semelhantes ao que acontece no jornal. Aquando a chegada, contacta-se algum responsável ou interveniente do evento a informar que chegamos e a partir daí começa-se a trabalhar de forma a recolher os esclarecimentos imprescindíveis à construção da notícia. O jornalista deve observar as situações e as pessoas, recolhendo informações. O repórter de imagem recolhe as imagens apropriadas a “pintar” a peça mas, se o jornalista tiver uma ideia já predefinida, pode alertar o repórter para filmar uma certa particularidade.

3.2.3 Redação da notícia

Continuando a análise do processo de elaboração da notícia, depois do serviço passa-se à construção da peça noticiosa. Após feita a reportagem, o jornalista chega à redação e, no programa utilizado por cada meio de comunicação, começa a redigir a notícia.



Figura 11. Milenium – Programa onde se redigem as notícias no Jornal de Notícias.

No Jornal de Notícias, o jornalista deve chegar e perguntar ao editor da sua secção onde é que a reportagem vai ser colocada, tendo em conta a disposição do jornal. Como sabemos, os jornais compreendem uma estrutura que deve ser respeitada e todos os géneros jornalísticos devem estar em harmonia esteticamente numa página: notícias, reportagens, entrevistas e breves. Depois da indicação do editor, o jornalista deve começar a redigir a notícia, pelo seu lead, no programa *Milenium*¹⁷ (fig.11),

¹⁷ O *Milenium* é um programa informático que já tem as páginas feitas com espaço para o texto.

com o apoio das notas registadas durante o serviço. As fotografias a acompanhar as notícias eram colocadas no *Media Vault*¹⁸ (fig. 12) e, de acordo com o editor da secção em questão, o jornalista escolhe a fotografia que se enquadra melhor.

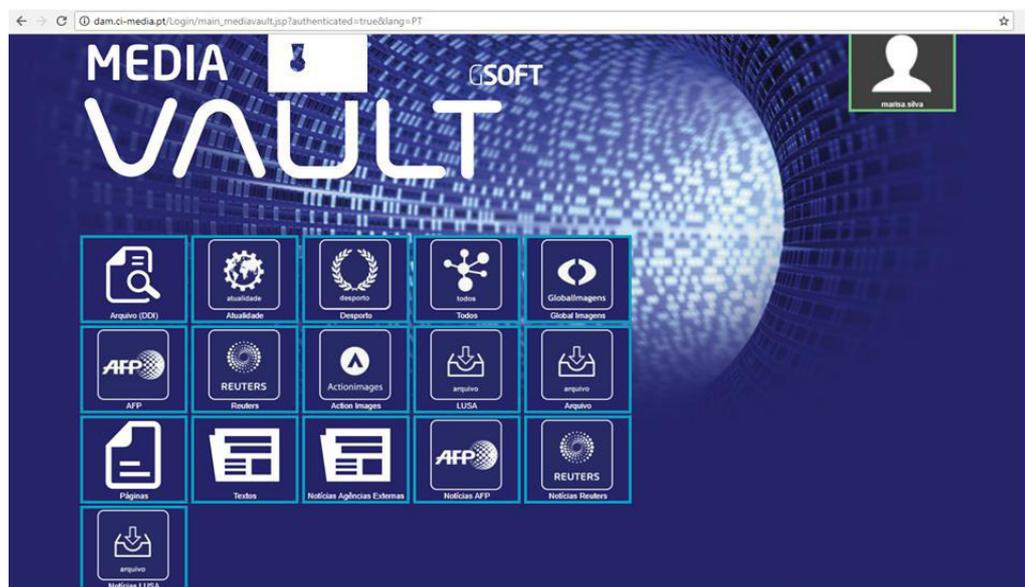


Figura 12. Media Vault – Arquivo e informações ao minuto das agências noticiosas.

Na SIC, quando o jornalista chega à redação dirige-se ao seu local e, dentro do programa *ENPS*, existe um departamento dedicado à redação das peças de cada dia – o Master (fig. 13). Em paralelo, o repórter de imagem carrega as gravações do serviço que, dentro de instantes, ficam disponíveis no sistema informático de edição – o *XPRI* (fig. 14). A produção escrita deve começar pela elaboração do pivô. Na televisão, pode-se considerar que a frase do pivô, ou a entrada da notícia, funciona quase como o lead na imprensa. Em simultâneo, a escrita deve ser feita sob consulta das imagens recolhidas do serviço para decidir quais os vivos¹⁹ a entrar, anotando o respetivo minuto do início e fim para facilitar o trabalho de edição e, também, de forma a articula-los com o texto numa perfeita sintonia. O ritmo e a técnica de escrita televisiva são peculiarmente importantes, uma vez que as sequências de imagens e de vivos devem ser criteriosamente montadas. Durante esse visionamento, o jornalista deve ter já uma ideia dos planos que considera importantes em detrimento de outros, para facilitar o trabalho do próximo passo – a edição. No momento de terminar a notícia, o jornalista deve rematá-la com uma frase marcante, que sintetize o que foi revelado.

¹⁸ *OpenMediaVault* é um sistema operativo de distribuição gratuita do Linux projetada para armazenamento conectado à rede (NAS).

¹⁹ Situação em que vemos quem fala.

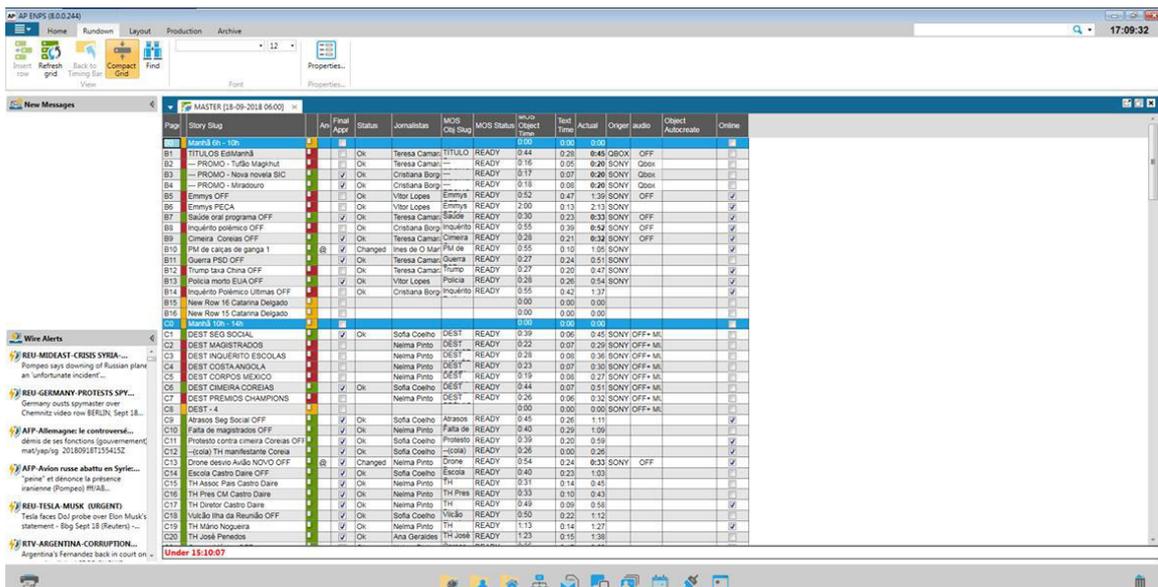


Figura 13. ENPS - O separador “Master” é onde se redigem as notícias do dia da SIC.

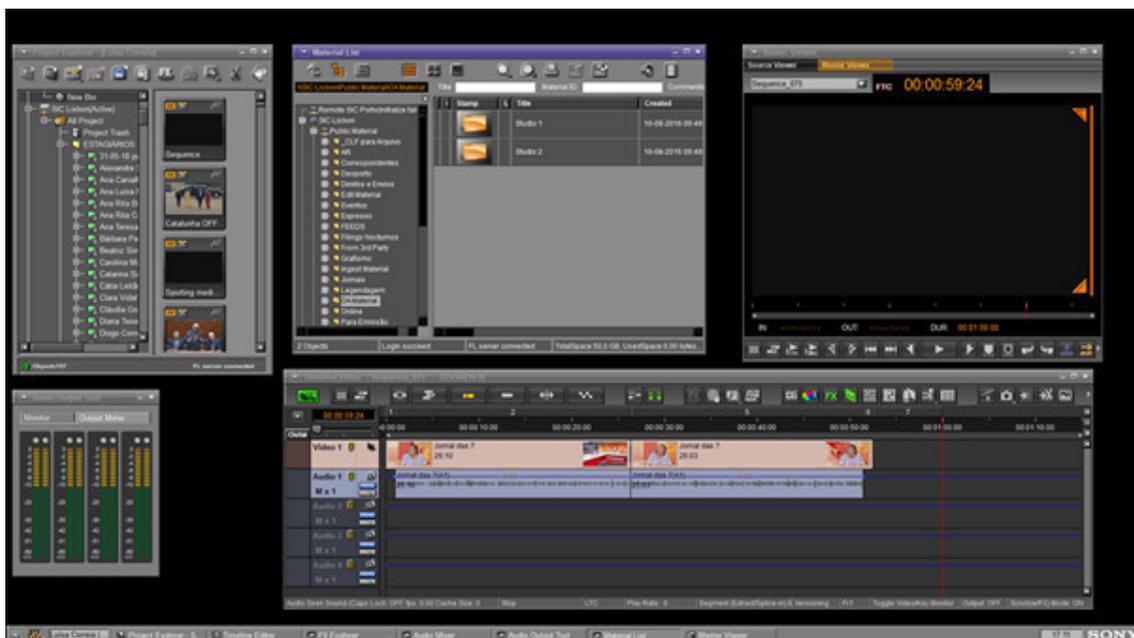


Figura 14. XPR1 – Programa onde se editam as peças da SIC.

3.2.4 Tratamento final

No jornal, a notícia dá-se por terminada quando o texto está finalizado e a fotografia está selecionada, com a respetiva e adequada legenda. A notícia não deve conter informações acessórias e menos essenciais à compreensão da mesma. No final da tarde e no início da noite, as notícias estão normalmente prontas. Só na secção “Últimas” é que podem surgir informações mais tardias. Após o

trabalho terminado, os editores leem e verificam se a peça necessita de alterações. Caso não precise, a missão está concluída.

Na televisão, após a composição do texto, ainda falta a edição de imagem para chegar ao produto final. O jornalista deve sonorizar a peça, em específico o texto em *off* que escreveu para que, posteriormente, combinado com as imagens, se faça a montagem. A montagem da reportagem é normalmente realizada por um editor de imagem, numa das salas da ilha de edição (figs. 15 e 16), acompanhado pelo jornalista que estruturou a reportagem até ao momento.



Figura 15. Ilhas de edição da SIC.



Figura 16. Uma das salas de edição da SIC.

Mais uma vez, comprova-se que o jornalismo é um trabalho de equipa: jornalista, repórter e editor de imagem. Os três profissionais devem remar no mesmo sentido para um bom desfecho. Quando a edição está concluída, o editor e o jornalista devem visionar a reportagem antes de a entregar. Depois, os editores de cada secção arrastam para o alinhamento do jornal as peças já prontas e, se assim o entenderem, podem alterá-las e adequá-las à linha editorial. Mais uma vez, toda a produção está submetida ao juízo de chefes e diretores.

Feita esta descrição sobre jornais, telejornais, jornalistas, vamos passar à reflexão sobre os requisitos e especificidades de cada um dos veículos de comunicação que propus analisar neste relatório.

3.3 Jornal e telejornal: análise prática e comparativa

O jornalismo deve ser encarado “como um dos principais veículos de conhecimento e promoção de produção de sentido sobre a realidade existente no nosso quotidiano de modo a que se possa construir a realidade social enquanto realidade pública” (Brandão, 2009). E esse conhecimento pode ser difundido através de diversos meios de comunicação, como a imprensa, a rádio ou a televisão. A rádio anuncia, a televisão mostra e a imprensa explica, é a frase que espelha de uma forma simples o contraste existente entre os três meios de comunicação.

Enquanto jornalista estagiária no Jornal de Notícias e na SIC, esta análise aborda, fundamentalmente, as experiências vividas na imprensa e na televisão. Quase todos os processos da rotina de produção informativa em ambos os meios são idênticos. Um jornalista consegue, facilmente, adaptar-se aos dois meios, se precisar de o fazer. No entanto, é possível notar diferenças e exigências.

Num primeiro momento, na composição de uma notícia, é recorrente o jornalismo em televisão alimentar-se dos jornais. A situação oposta já não é tão comum. Na falta de pormenores, ou quando não existe reportagem no terreno, os jornais impressos são, predominantemente, as fontes de informação mais consultadas pelos jornalistas televisivos. Uma situação normal uma vez que, segundo Pierre Ganz, alguns jornais “põem à disposição dos jornalistas externos a sua própria documentação”, ou seja, a recolha de informação passa pela imprensa escrita porque, regra geral, facultam uma boa base de conhecimentos. Fala-se, por isso, numa “ancoragem” da informação televisiva na imprensa escrita. Contudo, os jornalistas de televisão não replicam o que foi noticiado, pelo contrário, existe um cuidado em apresentar reações e em aprofundar o assunto em questão, com perspetiva diferente da que o público

pode encontrar nos jornais. Mas porquê que a televisão se baseia na imprensa? A carência de recursos e a falta de tempo podem ser alguns dos motivos das televisões, levando-as a ter na imprensa escrita uma fonte segura. A imprensa acaba por dispor de um campo mais alargado para desenvolver os seus conteúdos, o que não ocorre na televisão, devido às limitações de tempo inerentes ao meio. Não obstante, a reportagem televisiva, seja ela gravada ou em direto, tem a vantagem em relação a outros géneros de “fazer emergir uma informação, esclarece-la e mediatizá-la num curto espaço de tempo” (Jespers, 1998). A televisão fornece ao espectador uma série de elementos não-verbais que a imprensa não consegue conceder. As reações, as expressões faciais, o tom de voz, todos estes componentes afetam a forma como o público recebe a mensagem. Contudo, comparativamente às notícias de imprensa, a informação televisiva não pode apresentar as notícias “a la carte”, ou seja, o telespectador não tem a hipótese de selecionar a ordem de notícias, nem pode dominar o tempo para visionar cada uma (Vizeu & Mesquita, 2011). A audiência não pode voltar no tempo para recuperar uma frase ou uma informação que perdeu, a não ser que tenha gravado o programa (Curado citado em Weise, 2010, p. 12). Este argumento pode ser posto em causa pela propagação de dispositivos digitais que possibilitam a gravação e a revisão de conteúdos televisivos atualmente.

Um e outro meio sustentam atributos positivos. O facto de a televisão transmitir as notícias de uma forma ligeira e breve, face ao jornal onde as notícias são, por norma, mais aprofundadas e explicativas, confere-lhe menos interesse para quem pretende saber mais. Porém, a televisão consegue ser acessível para todas as pessoas, incluindo analfabetos, algo que a imprensa escrita não consegue atingir. Uma outra particularidade da televisão é a possibilidade de atualizar a notícia ao longo do dia. Um obstáculo ao qual os jornais tentam agora combater, através das suas versões *online*, onde também é possível atualizar sempre que se justificar. No meio de tantas diferenças, existe algo intrínseco aos dois: o dever em difundir a verdade aos leitores e à audiência, sempre com base no rigor e no cumprimento das regras deontológicas da profissão.

Num segundo momento, escrever para um jornal é totalmente diferente que escrever para televisão. O texto é o elemento comum aos dois meios, mas acabam por assumir formas diferentes e graus de importância distintos. A escrita para televisão representa, no fundo, um corte quase absoluto com todos os parâmetros de escrita que nos ensinam a fazer para a imprensa. Os sinais gráficos não são tão essenciais à compreensão do texto uma vez que ele se vai transformar em sons. Em televisão, o texto é subjugado perante a imponência das imagens, no sentido em que o jornalista deve escrever para as imagens. O texto televisivo não deve descrever as imagens, mas sim narrar o que falta, de modo a evitar

redundâncias e a produzir informação com a concisão e objetividade pretendidas. De acordo com Oliveira (2007), a linguagem televisiva deve ser curta, clara, forte e sugestiva para ser mais facilmente entendida e chamar a atenção do telespectador. Na televisão, a escrita deve ser o mais próxima possível da oralidade. Outro detalhe no jornal é que os números podem ser apresentados tal e qual como são; para uma melhor compreensão usam-se infografias. Na televisão, os valores são arredondados e, quando não é possível fazê-lo, utiliza-se a representação gráfica. Na SIC existe o departamento “Grafismo” com profissionais prontos a auxiliar os jornalistas nessas situações.

Num terceiro momento e, na perspectiva de estagiária, o mais importante da análise, foi a impossibilidade de sonorizar as peças na SIC. A peça, conceito usado em televisão para definir o equivalente ao género notícia em imprensa, aborda assuntos da atualidade num grupo composto por imagens e voz *off*. As imagens podem ser de arquivo ou do acontecimento. Por norma, hoje em dia, é o jornalista que faz toda a produção: visiona as imagens, constrói o texto, grava a voz e, depois, pode montar o bloco sozinho ou com o auxílio de um editor de imagem. É na fase de gravar a voz que os estagiários não têm autonomia para entregar uma reportagem totalmente autoral. Os editores e coordenadores da secção onde o jornalista estagiário está integrado costumam alertar para essa entrave onde o motivo é, quase sempre, o sotaque. O sotaque é a maneira particular de uma pessoa pronunciar certos fonemas de uma língua e pode variar consoante a região, grupo social, etnia, etc. Normalmente caracteriza-se por alterações de ritmo, entoação ou ênfase em certas sílabas.

O jornalismo televisivo funciona sob um sotaque padrão que rapidamente foi imposto por todos os canais de televisão, sobretudo na área informativa. Os jornalistas que trabalham em televisão têm a preocupação em não mostrar muito o seu local de origem para que o dialeto permaneça “neutro”. Questionado sobre esta realidade, o editor do Primeiro Jornal, André Antunes, confidenciou que é importante não ser evidente o sotaque, para que o telespectador em casa não se desconcentre com o jornalista e se foque na notícia. Acredita-se, então, que as diferentes pronúncias podem ser consideradas ruído na comunicação e transmissão das notícias, além de colocar a notícia em segundo plano.

Muitos dos jornalistas efetivos tinham esse mesmo obstáculo e, somente para eles, a SIC disponha de uma terapeuta da fala para acompanhar esses profissionais. Na opinião da aluna, a exigência em ter a “pronúncia padrão” para exercer jornalismo televisivo cria estereótipos e fomenta o preconceito perante quem fala diferente. É comum ouvir-se comentários sobre como seria engraçado se um pivô fosse nortenho. Este preconceito está padronizado desde o início do telejornalismo tornando-se, assim, difícil transformar estereótipos há muito implementados.

No contexto de estágio curricular, este foi o único aspeto negativo comparativamente ao Jornal de Notícias. Na imprensa, o sotaque não acarreta o mesmo peso que na televisão. Daí a existência de imensos aspetos positivos na experiência no Jornal de Notícias onde, mesmo como jornalista estagiária, é permitido assinar todos os textos noticiosos que saem para a circulação (fig. 17).



Figura 17. Uma das notícias do Jornal de Notícias, redigida e assinada pela autora deste relatório.

Por último, assiste-se a uma nova era que intimida quer a televisão como a imprensa. A Internet configura-se como a nova ameaça. Contemporaneamente, a Internet tem um cargo decisivo no campo da comunicação e isso sente-se em ambos os meios. Desde que surgiu, habituou os consumidores a um aligeiramento dos temas, mais curtos, mais estimulantes e que captam a atenção mais facilmente. Barreiras difíceis de superar pelos meios de comunicação.

Conclusão

A comunicação é, de facto, um marco na evolução da vida humana. É através dela que o homem consegue interagir com os outros. Desde a Pré-História, o homem usou múltiplas formas de comunicar desde pinturas rupestres aos manuscritos, do livro ao jornal, da televisão à Internet, a comunicação sempre acompanhou o desenvolvimento do tempo. Aliado à comunicação, o jornalismo exerce uma grande influência sobre as ações, modos de pensar e de compreender o mundo nas sociedades contemporâneas.

A televisão é um “modo natural de ver o mundo” (Fiske & Hartley citado por Sobral, 2009, p. ?) e “preenche espaços de lazer e condiciona a tomada de decisões” dos espectadores (Fernandes, 2001, p.?). Ao contrário da imprensa, para além da visão, a televisão envolve outros sentidos como a audição, o que provoca mudanças na forma como o recetor da informação se relacionada com a comunicação de massas (Lopes, 2008). Não obstante, voltando às origens, o jornal impresso é um dos meios de comunicação jornalísticos mais antigos. A imprensa teve uma participação expressiva em muitos momentos marcantes da história da humanidade, muitas com vertentes políticas. A participação em revoluções e em oposições à ditadura é uma das características mais marcantes desta forma de comunicação. Albert & Terrou (1970, p. 1) afirmam que "de todos os objetos da pesquisa histórica, o jornal é, talvez, o que mantém as mais estreitas relações com o estado político, a situação econômica, a organização social e o nível cultural do país e da época dos quais constitui reflexo". O jornal pode não atrair tantos leitores como o telejornal alcança telespectadores, mas a importância da imprensa é expressiva.

O presente relatório – proveniente de uma experiência de estágio curricular de seis meses na redação de informação da SIC – concedeu-me a oportunidade de refletir sobre o papel da televisão e da imprensa na vida dos telespectadores e, sobretudo, dos jornalistas. É uma tentativa de ampliar conhecimentos sobre o ramo profissional jornalístico televisivo e impresso. Para além de suportado por uma reflexão teórica, este relatório advém também de uma observação direta e participativa na redação de informação da estação. No entanto, torna-se relevante referir que não é possível, mesmo com extremo esforço visual, notar todos os fenómenos do discurso jornalístico.

O principal objetivo prendeu-se na procura pelas diferenças no exercício da profissão quando o meio de comunicação difere. Com foco na SIC e no Jornal de Notícias, tentou-se perceber quais são as exigências indispensáveis a um profissional que trabalhe em algum canal de televisão ou jornal impresso. De modo

a atingir o objetivo, o relatório incluiu uma revisão do conhecimento teórico sobre critérios jornalísticos que impulsionam o funcionamento e a disposição de uma redação televisiva, bem como a construção e produção de notícias. Dado este ser o segundo estágio curricular em jornalismo efetuado, comparar os dois meios de comunicação – imprensa e televisão – configurou-se o foco da análise. A experiência de estágio e a sua análise permitiu perceber que existe algum uso da imprensa escrita para a realização de reportagens televisivas; que a forma de escrever para imprensa e para televisão é diferente; e que, na televisão, existe uma exigência muito vincada relacionada com o sotaque.

Um dos destaques positivos do estágio foi a afinidade criada entre mim e todos os elementos da redação. Não existiu o distanciamento que antevia com alguns dos profissionais mais conhecidos da televisão portuguesa. Sobre os aspetos negativos, as lacunas na área da sonorização e projeção da voz para a gravação das locuções foram os únicos pontos menos favoráveis à produção de uma reportagem totalmente autoral. Assim, analisando os jornais e os telejornais, cada um deles possui formações discursivas diversas, ainda que elas não sejam opostas. Foram expostos dois importantes meios de comunicação no contexto atual, verificando que diversos elementos de seus discursos geram diferentes efeitos de sentido. Com isso, não quer dizer que um se sobrepõe ao outro, mas sim que cada rotina tem as suas particularidades.

Como já foi mencionado, o jornalismo está a viver um período de progresso tecnológico acelerado e marcante. O método de recolha de informação destinada à produção noticiosa, bem como o contato com as fontes, estão a ser reconfigurados pelas novas tecnologias *online*. Porém, a história do jornalismo já comprovou que funciona por ciclos e que, face a uma aparente rutura, consegue desenvolver novas formas de trabalhar.

Em jeito de conclusão, pode-se afirmar que o mundo da televisão coabita pacificamente com o mundo da imprensa. Ainda que em meios distintos, os valores deontológicos e profissionais a cumprir têm o mesmo fim: informar o público e vender. Recapitulando, esta experiência permitiu colocar em prática aquilo que foi absorvido em teoria durante a formação universitária. Produzindo notícias diariamente, a prática solidifica-se e os saberes obtêm-se mais facilmente. A vida é um combinado de aventuras. O estágio foi uma dessas aventuras que ajudou positivamente, quer para o meu dia-a-dia, como para o meu futuro enquanto profissional de comunicação social.

Referências Bibliográficas

- Artalheiro, T. A. R. (2013). *A construção narrativa das notícias em televisão: o "Jornal da Noite" da SIC como estudo de caso* (Relatório de estágio, Universidade Católica Portuguesa).
- Baptista, E. C. A. (2013). *As Rotinas Produtivas da Imprensa e as Fontes de Informação- A interinfluência entre as fontes de rotina e os processos produtivos da redação* (Relatório de estágio, Universidade de Coimbra).
- Borga, C. (2008). *A terceira era da televisão* (Dissertação de mestrado, Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa).
- Cádima, F. R. (2011). *"A televisão, o digital e a cultura participativa"*. Lisboa: Media XXI.
- Campos, I. S. V., & Coutinho, I. D. S. (2014). Estrutura informacional em TV: Jornal da Noite e Jornal Nacional. Portugal e Brasil editados em rede nacional. In *Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste*.
- Carvalho, R. G. (2018). *"Jogos de Raiva"*. Alfragide: Dom Quixote.
- Castro, A. E. M. M. D. (2012). *O agenda-setting em ação: o processo de seleção de notícias da SIC* (Relatório de estágio, Universidade Católica Portuguesa).
- Coelho, P. (2015). *Jornalismo e Mercado, os novos desafios colocados à formação*. Covilhã: LabCom Books.
- Coelho, S. I. C. (2017). *Caso Pedro Dias no Primeiro Jornal da SIC* (Relatório de estágio, Universidade Nova de Lisboa).
- Correia, J. C. (2011). *"O admirável mundo das notícias: teorias e métodos"*. Covilhã: LabCom Books.
- Gonçalves, M. C. (2016). *A influência da imprensa escrita nas redações televisivas* (Dissertação de mestrado, Universidade de Coimbra).
- Guimarães, A. M., & Fernandes, N. R. (2012). *O jornalismo em evolução* (Instituto Politécnico de Portalegre).

- Lima, M. S. (2014). O campo jornalístico em Portugal: convergências e disparidades entre o jornalismo televisivo e a imprensa escrita na atualidade.
- Megid, C. M. (2006). Telejornalismo e jornalismo impresso: leituras em contraste. *Seminário Nacional o Professor e a Leitura do Jornal*.
- Oliveira, J. N. (2007). Manual de Jornalismo de televisão. *Lisboa: Cenjor*.
- Pereira, A. G. (2015). Teoria e crítica do discurso noticioso: notas sobre jornalismo e representações sociais. *Temática*. Sobral, F. A. (2012). Televisão em Contexto Português: uma abordagem histórica e prospetiva. *Millenium*.
- Sousa, J. P. (2008). "*Jornalismo: história, teoria e metodologia da pesquisa*". Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa.
- Sousa, M. I. (2011). "*Da Teoria do Espelho ao Jornalismo em Mídias Sociais – Alterações no fluxo*". Universidade Federal de Goiás, Goiânia. *In Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste*.
- Verissimo, A. C. B. A. (2015). *Contributo para o estudo da relação discurso-imagem no Jornal da Noite da SIC* (Relatório de estágio, Universidade Nova de Lisboa).
- Vizeu, A., & Mazzarolo, J. (1999). Telejornalismo: onde está o lead? *Revista Famecos*, 6 (11), 57-63.
- Wolf, M. (1999). "*Teorias da Comunicação*". Lisboa: Presença.